

Portador da Luz

Para os buscadores da verdade

Lúci[®]fer

Temas atuais vistos à luz da Sabedoria Antiga ou Theo-Sophia – a fonte comum de todas as grandes religiões, filosofias e ciências do mundo

A Vida Una e o Caminho de Pāramitā - Parte 1

A humanidade pode determinar seu futuro?

Quão inteligente é o ChatGPT?

Platão era contra a escrita?

Os benefícios da cremação

A pessoa certa no lugar certo

Perguntas sobre o karma



Capa:

Como é que um médico aprende a sua profissão? Pela tradição oral, por outras palavras, ouvindo um mestre médico, ou estudando os escritos médicos, ou ambos? O valor da comunicação oral e escrita é investigado no artigo “Platão era contra a escrita?”

Ilustração: Um livro com 1000 anos que contém uma tradução aramaica da obra *Sobre as potências dos medicamentos simples*, do médico greco-romano Galeno (129-199 da nossa era). A tradução foi mais tarde reescrita com hinos, mas pode voltar a ser visível com determinadas técnicas.

Editorial

p. 34

A Vida Una e a Via Pāramitā – Parte 1

p. 35

Em outubro de 2023, Elton Hall deu a Palestra Blavatsky, uma palestra organizada pela Sociedade Teosófica de Point Loma. Alguns dias depois desta Palestra Blavatsky, houve um estudo em que os estudantes conversaram com o orador. Elton é afiliado à Loja Unida de Teosofistas e é um orador estimado internacionalmente. Este artigo é a primeira parte da sua palestra sobre 'A Vida Úna'. A segunda parte, sobre os Pāramitās, será publicada na próxima edição de *Lúcifer*.

Elton Hall

Podera a humanidade determinar o seu futuro?

p. 41

Podemos envolver-nos numa situação de três formas, com três tipos de responsabilidade: responsabilidade para com os nossos semelhantes. Como é que construímos um futuro melhor?

Herman C. Vermeulen

Quão inteligente é o ChatGPT?

p. 44

Com qualquer novo fenómeno, o desafio é distinguir a opinião do conhecimento. Neste artigo, apresentamos uma visão das ferramentas artificialmente inteligentes, como o ChatGPT, baseada na sabedoria universal ou Theosophia.

Erwin Bomas

Platão era contra a escrita?

p. 51

Quando se discutem as novas tecnologias, Platão é citado mais do que uma vez. Num dos diálogos de Platão, há referência a uma afirmação de que a escrita levaria à perda de memória. Mas será que é isso mesmo que Platão escreve?

Erwin Bomas

As vantagens da cremação

p. 55

Porque é que é melhor cremar os corpos de pessoas falecidas do que enterrá-los.

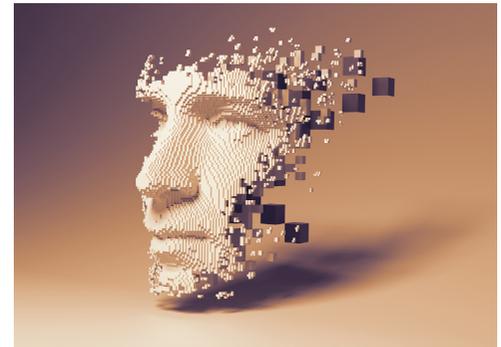
Barend Voorham

A pessoa certa no sítio certo

p. 59

O número de dezembro de 2023 de *Lúcifer* contém o artigo intitulado "Como encontrar o seu Trabalho?" Vamos agora trabalhar o quadro teosófico aí delineado, concentrando-nos na questão prática: como é que asseguramos que a pessoa certa é empregada no lugar certo dentro do todo? Descobriremos que podemos chegar a soluções eficazes, que podem significar muito para as pessoas envolvidas e que, no entanto, ainda são muito raramente aplicadas na nossa sociedade.

Henk Bezemer



Perguntas & Respostas p. 63

- » Causas kármicas
- » Roubar aos ricos

Agenda

p. 40

- » Próxima Conferencia internacional de Teosofia

Editorial

Os *Pāramitās*, as virtudes exaltadas do Budismo, são uma maravilhosa fonte de inspiração. Não são proibições ou mandamentos, mas ‘direcções’ sobre como viver a vida de forma a alcançar a outra ‘margem’ da existência. A convite da Sociedade Teosófica Point Loma, Elton Hall deu uma palestra sobre os *Pāramitās*, que ele relacionou com a Vida Una. Os editores de *Lúcifer o Portador da Luz* são muito felizes em apresentar a sua palestra. Neste número de *Lúcifer* publicamos Parte 1. Parte 2 da palestra será publicada na próxima edição.

Uma questão crucial é investigada no artigo *Pode a humanidade determinar o seu futuro?* E se pode, como o deve fazer?

Ainda nesta edição, encontra um artigo sobre algo que está a cativar as mentes de muitos em todo o mundo: A Inteligência Artificial. Será a I.A. um avanço para a humanidade ou um perigo? Será que o mundo humano vai ser dominado por robôs? O que é que *chatbots* como o ChatGPT estão realmente a fazer – e a *não* fazer? A Theosophia pode ajudar-nos a encontrar uma resposta.

Um outro artigo está na linha do artigo sobre a I.A. Questiona se Platão era contra a escrita, como alguns defendem.

Em seguida, há um artigo que discute como pode encontrar o seu lugar no mundo, onde pode contribuir de acordo com o seu *swabhāva*, carácter. E com isto queremos dizer não só o trabalho que faz na sociedade, mas também o papel que pode desempenhar no panorama geral.

Por fim, tentamos responder a algumas perguntas sobre cremação que nos foram feitas. As perguntas são sempre bem-vindas porque nos permitem esclarecer melhor certos aspectos da Theosophia. Se o espaço permitir, publicaremos essas perguntas na nossa revista e tentaremos responder-lhes. Nesta edição, tentamos responder a perguntas sobre o karma, orações e meditação, e o roubo aos ricos.

Fazer perguntas ajuda você a compreender melhor a Verdade. Por isso, fique à vontade para fazer qualquer pergunta que quiser. Você sempre recebe uma resposta nossa.

Os editores



A Vida Una e a Via Pāramitā

Parte 1

Em Outubro de 2023 Elton Hall deu uma conferência Blavatsky, organizada pela Sociedade Teosófica de Point Loma. Elton está filiado na Loja Unida de Teosofistas e é um orador internacional de renome. Este artigo é uma transcrição da primeira parte da sua conferência sobre a Vida Una. A segunda parte sobre os Pāramitās seguirá na próxima edição de *Lúcifer*.

Pensamentos-chave

- » Os conceitos de ‘Teosofia’ e ‘Teosofista’ ganham profundidade e expandem a consciência.
- » Aquelas verdades que nós descobrimos como seres humanos são sempre verdades relativas: há uma verdade maior atrás delas.
- » Um e o mesmo texto pode ser simultaneamente exotérico, esotérico e oculto e depende de nós o que extraímos dele.
- » O que é a Vida Una? Um estudo em *A Doutrina Secreta* de Helena Blavatsky dá-nos pistas para compreendermos cada vez mais profundamente. Ao fazer isso, devemos tentar ir além do puro pensamento racional e sintetizar as muitas perspectivas dadas pela Vida Una em *A Doutrina Secreta*.

Preliminares

Considerando a Vida Una e os Pāramitās, exploraremos a realidade fundamental da manifestação e o caminho para a realizar na nossa consciência. Para fazer isso, apoiar-nos-emos principalmente em *A Doutrina Secreta* e em *A Voz do Silêncio*, ambos da autoria da grande mestra Helena Blavatsky. E como ajuda para a nossa compreensão, consideremos primeiramente os termos ‘Teosofia’ e ‘Teosofista’, a diferença entre crença e conhecimento e as ideias por detrás dos conceitos de ‘exotérico’, ‘esotérico’ e ‘oculto’.

‘Teosofia’ e ‘Teosofista’ têm uma larga faixa de significados interligados. H.P.B. disse que aquele que procura o bem da humanidade e que ajuda aqueles que necessitam sem esperar nada em troca é um ‘teosofista’, não importando o rótulo que ele ou ela possam ter. Isto é ‘Teosofia’ no seu sentido mais geral, e todos nós conhecemos indivíduos que preenchem esta descrição, apesar de poderem não ter nunca ouvido falar de ‘Teosofia’ ou

pensar que eles próprios sejam teosofistas. Há também aqueles que encontraram os ensinamentos teosóficos nas obras de Helena Blavatsky, William Quan Judge e outros. Como estudantes daqueles escritos, quem os aceita e tenta compreendê-los e por diversos modos tenta fazer uso deles são teosofistas, no sentido mais estrito dos seguidores da Teosofia, conforme estabelecido na fundação do moderno Movimento Teosófico em 1875 e depois. Para o mundo em geral, este é provavelmente o significado associado hoje em dia àqueles termos. Mas H.P. Blavatsky também disse que a Teosofia é a sabedoria acumulada das idades e é aquela porção que pode ser dispensada à Humanidade nesta presente época. Isto é o máximo que se pode compreender, com excepção dos adeptos, e nós compartilhamos isso num grau até onde o permitem os nossos esforços autoconcedidos.

O que é que significa entrar na casa do tesouro da Teosofia? Isso depende de cada um. Como seres divinos, cada um de nós está presentemente

encarnado num corpo, o qual, quando nós o vemos sob o ponto de vista da nossa natureza imortal, é uma ilusão, mas no qual e através dele nós encontramos o mundo e actuamos na vida. Nós nascemos com uma história de miríades de encarnações. e suportamos *samskaras* – disposições e propensões profundas que limitam a nossa experiência da luz divina da realidade – e *skandhas*, características, incluindo consciência encarnativa, que nos permite ser seres encarnativos mas também limitados nos nossos pensamentos, sentimentos, volições e capacidade para a acção. Aquilo que as nossas experiências de consciência tomam como real, embora aquela realidade seja relativa para o nível de consciência que nós temos num certo momento. Em consequência, alguns de nós estão no degrau da porta da casa do tesouro, outros estão no átrio, ainda outros em vários quartos, e a consciência mais espiritualizada está no próprio tesouro. Isto, é claro, é uma metáfora. William Quan Judge usou diferentes metáforas em *O Oceano da Teosofia*. A Teosofia é como um oceano, disse ele, e nós devemos estar na praia e olhar para ele, ou pisar cautelosamente a borda da praia ou caminhar para alguma profundidade ou mergulhar em muitas profundidades, uma vez que a sua expansão e profundidade são infinitas.

Estas metáforas sugerem que ser um teosofista será qualquer coisa distinta para cada indivíduo e que aqueles que pretendem aprofundar a Teosofia a níveis ainda mais profundos acharão esse nome a mudar de significado. E todavia a Teosofia é para todos: cada ser humano é convidado a tomar aquilo que ele ou ela pode usar. Todos podem ser teosofistas. Seja qual for a situação ou condição de cada um na vida. E Judge recorda-nos que se nós encontramos a Teosofia em algum nível significativo, é porque já estivemos aqui antes. Obviamente, nós não podemos julgar qual é o grau dos outros na compreensão da Teosofia; nem podemos fazê-lo com precisão em relação a nós próprios. Deste modo, somos encorajados a seguir em frente e andar tão profundamente quanto possamos neste oceano infinito. Ainda que fiquemos deprimidos ao ver as nossas limitações, deveríamos ficar gratos pelos esforços passados e pelo karma nos ter trazido outra vez para este maravilhoso, promissor e poderoso encontro.

Diferença entre crença e conhecimento

Há uma diferença entre crença e conhecimento. Lemos o *Bhagavad-Gītā*, *A Voz do Silêncio*, os *Yoga Sūtras* de Patanjali, *A Doutrina Secreta* e outros escritos teosóficos e sentimos a verdade deles. Nós sentimos que eles fazem sentido, que eles nos falam com inquestionável autoridade.

Tal resposta é a nossa mais elevada natureza reflectindo-se ela própria nas formas encarnadas. Mas, a menos que sejamos tão iluminados como um Mahātma, nós começamos com a crença, não com o conhecimento. E, devíamos tomar nota, sensação e informação não são conhecimento. O antigo iniciado grego Platão já referia, há dois mil e quinhentos anos atrás, que, em última análise, *conhecer e ser* são uma e a mesma coisa. Sob este ponto de vista, nós somos na prática aquilo que conhecemos. E a maior parte de nós estamos saturados de ignorância. Assim, quando estudamos os Ensinamentos Teosóficos, acreditamos que eles são verdadeiros. Naturalmente, se nós temos uma crença, acreditamos que ela é verdadeira, e assim não há distinção, para uma consciência encarnada, entre crenças falsas e verdadeiras. O conhecimento é invariavelmente verdadeiro. Para obter conhecimento é necessário mais do que ter crenças verdadeiras. Então a questão que naturalmente se põe é: o que é que temos de fazer para ganhar conhecimento? A resposta é a via da Teosofia.

Esotérico, exotérico e oculto

H.P.B. usava três conceitos, por vezes com claras distinções entre eles e outras vezes menos precisos, dependendo do contexto. Trata-se de ‘esotérico’, de ‘exotérico’ e ‘oculto’. Aquilo que é exotérico é público, disponível para qualquer interessado e aí está porque é que Blavatsky apontava como exotérico *A Doutrina Secreta*. Aquilo que é esotérico é escondido, mas o esotérico pode ser assim de diferentes modos. Hoje em dia a física quântica pode ser esotérica para muitos de nós e o holandês é esotérico para este estudante. Com o estudo apropriado e preparação, contudo, ele pode tornar-se exotérico. Requer – se um estudo sério para dominar o Holandês, ou a física quântica. E aqui está a chave. Uma pessoa pode aprender uma língua até ao nível em que pode pedir uma dada refeição num restaurante ou perguntar pela direcção de um hotel. Uma pessoa pode aprender o suficiente para ler facilmente um jornal ou mesmo uma novela. Mas para dominar totalmente uma língua, entender as suas nuances, escrever poesia significativa nessa língua – isso requer muito mais. De igual modo podemos ler livros de física quântica escritos por autores que podem explicar o assunto para um auditório inteligente, mas isso não é dominar a física quântica. Muito fica de esotérico mesmo quando muito se tornou exotérico. Neste sentido, *A Doutrina Secreta* é ainda esotérica para o leitor casual. Aqui, H.P. Blavatsky implantou as antigas ideias hindus sobre *Paramārtha-satya* – verdade absoluta

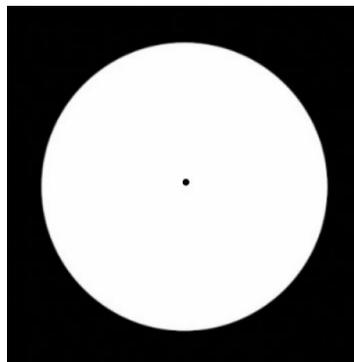
– e *samvṛtti-satya* – verdade relativa. Alguma coisa pode ser verdade relativa no contexto e no nível da consciência que a transporta. Mas, na falta de consciência absoluta – absoluta consciência – as verdades serão relativas neste sentido. Assim, o esotérico pode permanecer no exotérico, esperando para ser desvendado pelo estudante sério. E mesmo quando desvendamos qualquer coisa de esotérico, precisamos de estar conscientes de que há níveis de esotérico dentro do esotérico.

E temos então o ‘oculto’. O ‘oculto’ pode outra vez querer simplesmente dizer escondido, mas também aponta para uma aprendizagem, não do pensamento, mas do ser. De como um ser vive no mundo, embora não sendo parte desse mundo. A compreensão esotérica penetra a natureza das coisas. A compreensão oculta transforma a consciência do ser. Em vez de alguma coisa – um escrito, um acto, uma conversa – sendo também exotérico, esotérico ou oculto, pode ser todos os três. O nosso nível de consciência é que determinará como o abordamos, como o vemos, e como nós o compreendemos. Assim Platão podia dizer nas suas segunda e sétima cartas que nunca escreveu a sua real filosofia. Ainda o leitor perspicaz dos seus muitos diálogos pode ver naquela filosofia muitos níveis dos quais se não fala. O exotérico desaparece no esotérico e o esotérico desaparece no oculto. Daí a noção de verdades relativas. Não há falsidades, mas elas são verdadeiras só a partir de certas perspectivas e em certos níveis de manifestação.

A partir do ponto de vista adoptado nesta discussão, *A Doutrina Secreta* pode ser vista como esotérica numa roupagem exotérica e *A Voz do Silêncio* pode ser vista como oculta numa roupagem esotérica, vestida numa roupagem exterior exotérica. Tudo isto é relevante para a Vida Una, que é a realidade de muitas características da manifestação, e os *Pāramitās*, que são fundamentais para a realização daquela Vida Una – que nós somos – se nós soubéssemos disso. E aqui, saber que é nada menos do que ser. Se podemos conservar tudo isto na mente, seremos capazes de entender como é que os *Pāramitās* guiam a alma peregrina para a Vida Una que em última análise nós somos.

O Símbolo do disco branco dentro de um fundo preto

O proémio que introduz *A Doutrina Secreta* começa com o Mistério dos mistérios: ‘um disco branco imaculado dentro de um fundo preto opaco’.⁽¹⁾ O disco branco é o espaço e a eternidade em pralaya – em total quietude, imanifestada. H.P.B. referir-se-á mais tarde a estes como o começo do processo cósmico de manifestação como



Espaço Abstrato Absoluto e Eterna Duração. Esta manifestação começa com o ponto no disco branco. O próprio disco, porém, *antes* do ponto, é o ‘Kosmos na Eternidade, antes do despertar da ainda latente Energia, a emanção da Palavra em sistemas posteriores’. Na madrugada da manifestação, a Energia será chamada Movimento Abstrato Absoluto.

Então, H.P.B. diz que a circunferência do círculo é ‘a sempre incognoscível PRESENÇA e a parte plana é a Alma Universal – embora os dois sejam UM. Se o conhecimento real é o ser, então o conhecimento último é o ser último. E o disco branco está tão longe quanto pode ser, pois se ele se fundir com o plano preto no qual se encontra o disco branco, ficaria num pralaya total. A superfície branca do círculo branco, dentro da circunferência, ‘é o conhecimento único, escuro e nebuloso, embora ainda seja alcançável pelo homem’. Aqui começa a manifestação, pois nele dorme o Pensamento Divino, contendo o plano de tudo o que é manifestado.

A Intuição Búdica

Recordaram-nos repetidamente para prestarmos atenção às notas de rodapé de H.P.B. respeitantes a muitas pistas para a compreensão mais profunda que se podem achar dentro delas. Aqui, numa nota de rodapé, H.P.B. diz que: ‘é muito necessário recordar ao leitor uma vez mais que a expressão ‘Pensamento Divino’, tal como ‘Mente Universal’, não devem ser olhadas como até mesmo sombreando vagamente um processo intelectual semelhante àquele que é exibido pelo homem.’ Ela refere-se à linguagem vedântica, a qual sublinha que o conhecimento absoluto transcende as ideias de espaço e de tempo. E sugerindo ainda que a sabedoria absoluta transcende as ideias de espaço e de tempo, sugerindo portanto que a sabedoria última é o disco branco. Só a intuição – a intuição búdica – pode vislumbrar tal conhecimento, que é verdadeira sabedoria. Estamos recordados – e talvez não nos possamos nunca recordar o suficiente – que a tendência à qual ela chama

‘pensamento raciocinativo’ (o que nós conhecemos como pensamento em qualquer nível ao tratar da diversidade da manifestação) é coisificar conceitos, concretizá-los, mesmo personificá-los. Por consequência, nós falhamos na compreensão de abstrações ontológicas por meio de uma epistemologia concretizada*, obscurecendo portanto o que só podemos compreender pela intuição. É por isso que *A Doutrina Secreta* se foca tanto no simbolismo, porque só o simbolismo pode expressar para a mente raciocinante o que está além disso. Na tradição budista consagrada pelo tempo, os símbolos são os dedos apontados para a lua, enquanto que a mente raciocinante vê apenas o reflexo na água, que está muitas vezes demasiado agitada, lançando essa luz reflectida aqui e ali.

A Vida Una

E é este disco branco que é a Vida Una, ‘eterna, invisível ainda que omnipresente, sem começo nem fim, ainda que periódica nas suas manifestações regulares, entre cujos períodos reina o mistério escuro do não ser; inconsciente, ainda que absoluta Consciência, irrealizável, ainda que uma realidade auto-consciente...’⁽²⁾ O seu único atributo neste nível é ‘Movimento eterno, sem cessar’. E isto é a fonte do Grande Alento. Ela acrescenta que ‘...não há nada de facto e a realidade é absolutamente imóvel dentro da alma universal’. Lembrar que o disco branco e o fundo preto são – na realidade – *um*, e a parte plana do disco é chamada a Alma Universal. O Grande Alento refere-se ao disco branco e a todas as manifestações que vêm a partir do ponto no disco. Este símbolo poderoso também nos faz lembrar que aquilo a que é chamada ‘a PRESENÇA’ está sempre presente. À medida que a manifestação se desenvolve, nos níveis cósmico, cósmico ou solar e humano, tudo está sempre presente. Tipicamente, nós só estamos conscientes do efeito psíquico deste processo magnífico e às vezes no astral em certo nível. E em níveis mais profundos no sono; apesar disso, ele está aqui, agora, invariavelmente. A nossa consciência diária, a menos que desenvolvida com a meditação – invocando a intuição, H.P.B. já mencionava na citada nota de rodapé – é consciente apenas da pontinha do iceberg da consciência que existe em nós. Podemos desenvolver ainda níveis mais profundos dessa consciência.

A Vida Una, o Grande Alento, implica a unidade de toda a existência e de todos os níveis de existência, embora a

nossa consciência pessoal possa estar bastante inconsciente disso. Já que o real para nós é aquilo de que nos apercebemos, que sensação temos, e o que pensamos acerca de todas elas, nós devemos acordar para estados de consciência que transcendam estes, se é que estamos disponíveis para compreender a natureza das coisas. À medida que o Grande Alento expira, a manifestação ocorre; inspirando, tudo volta a dissolver-se na fonte última e desconhecida.

No verso V da estância III lê-se: A RAIZ PERMANECE, A LUZ PERMANECE, OS COÁGULOS PERMANECEM, E AINDA OEAOHOO É UNO.⁽³⁾ H.P.B. diz sobre o UNO: isto refere-se à Não Separatividade de tudo o que vive e tem o seu ser, mesmo num estado activo ou passivo. Num certo sentido, OEAOHOO é a ‘Raiz sem Raiz de Tudo’. Por isso, um com Parabrahman; noutra sentença, é o nome para a VIDA UNA manifestada, a Eterna Unidade vivente. A ‘raiz’ significa, como já foi explicado, conhecimento puro (*Sattva*), eterno (*Nitya*), realidade incondicionada ou SAT (*Satya*), mesmo que lhes chamemos Parabrahman ou Mūlaprakriti, porque estes são os dois aspectos do UNO. Numa nota de rodapé de *Sattva* (conhecimento puro) H.P.B. explica que as diferentes escolas hindu e budista dão significados ligeiramente diferentes à palavra, mas ‘entre os estudantes de Ocultismo da Escola de Āryasanga’, *Sattva* refere-se à dualidade Mônada ou Ātma-Buddhi e Ātma-Buddhi neste plano corresponde ao Parabrahman e Mūlaprakriti no seu mais elevado plano. Aqui, outra vez, vemos que o verdadeiro *conhecimento* e o *ser* são um só em todos os planos. Há uma distinção entre o verdadeiro conhecimento e o que quer que seja conhecimento errado em cada plano, se bem que mesmo o verdadeiro conhecimento em qualquer plano, excetuando o mais elevado, naturalmente, seja relativo – sendo verdadeiro o plano ao qual se aplica, com excepção do relativo, diz respeito aos mais elevados planos.

Qualquer perspectiva é parcialmente ilusória

Podemos ver que a Vida Una como o Grande Alento, pode ser vista a partir de muitas perspectivas, sendo cada uma delas parcial e, portanto, *mâyāvica*, pelo menos na medida em que é limitada pelos limites da perspectiva de que se parte. Olhando directamente para um cubo, ele parece ser um quadrado, e seriam necessárias seis vistas – frontal, traseira, lateral direita, lateral esquerda, superior e inferior – para ver o cubo inteiro. A menos que sintetize

* ‘A Ontologia é aquela disciplina da Filosofia que procura saber a natureza do ‘ser’; a Epistemologia é aquele ramo da Filosofia que investiga o conhecimento e o saber.’ (Editor)



Avalokiteśvara é ao mesmo tempo o Princípio Cósmico e Buddha, expressando-se no nível humano como Compaixão sem limites. Configurado aqui com mil mãos de ajuda para as necessidades da Humanidade.

aquelas seis perspectivas, cada perspectiva dá apenas um quadrado, um objecto bi ou tridimensional. Analogicamente, nós não necessitamos de empregar apenas muitas perspectivas para começar a perceber a Vida Una e, mesmo assim, a coberto do pensamento racionalista.

Fohat e a Vida Una

H.P.B. também nos diz que ‘Fohat está pouco relacionado com a Vida Una. A partir da Unidade desconhecida, a infinita ‘Totalidade’, o UNO manifestado, ou a Divindade periodicamente manifestada, emanada, e isto é a Mente Universal que, separada da sua fonte-raiz, é o Demiurgo ou o Logos Criativo dos cabalistas ocidentais e a quádrupla face do Brahmã da Religião Hindu. Na sua totalidade, a partir do ponto de vista do Pensamento Divino Manifestado na filosofia esotérica, ele representa as

Hostes dos Dhyān-Chohans mais criativos. Simultaneamente, com a evolução da Mente Universal, a Sabedoria escondida de Adi-Buddha – o Supremo e Eterno UM – manifesta-se ele próprio como *Avalokiteśvara* (ou *Īswara* manifestado), que é o Osíris dos egípcios, o Ahura-Mazdã dos Zoroastrianos, o Homem Celestial dos filósofos herméticos, o Logos dos Platónicos e o Ātman dos Vedantinos. Por acção da Sabedoria manifestada ou Mahat, representada por estes inumeráveis centros de Energia espiritual no Kosmos, o reflexo da Mente Universal, que é a ideação cósmica e a Força intelectual a acompanhar tal ideação, torna-se objectivamente o Fohat do filósofo de ‘O Budismo Esotérico’. Fohat, correndo ao longo dos sete princípios do Ākaśa, actua sobre a substância manifestada ou o Elemento Uno, ... e, por diferenciação, em vários centros de Energia, coloca em movimento a lei da Evolução Cósmica que, em obediência à ideação da Mente Universal, traz à existência todos os vários estados de ser no Sistema Solar manifestado’.⁽⁴⁾

Noutro lugar, H.P.B. nota que, tal como o ser humano consiste de sete princípios e ‘substância diferenciada’, e tal como o sistema solar existe em sete condições, o mesmo é verdadeiro para Fohat. Ela diz então: ‘Como uma abstracção, nós chamamos a isso ‘VIDA UNA’; tal como um objectivo e evidente Realidade, nós falamos de uma escala septenária de manifestação, que começa no degrau mais elevado com a CAUSALIDADE Una Desconhecida, e acaba com a Mente Omnipresente e a Vida imanente em cada átomo da Matéria.’⁽⁵⁾

A Vida Una: nem Espírito nem Matéria

Há mais assunto aqui do que aquilo que podemos explorar hoje, mas temos outra vez um vislumbre da imensidade do significado da Vida Una. Notaremos apenas que todo o espírito e matéria, toda a consciência e ser, tem uma única fonte que não é nenhum deles, embora lhes dê origem. Deveríamos acrescentar que H.P.B. também ensina que: ‘A VIDA UNA está relacionada de perto com uma lei que governa o Mundo do Ser – KARMA.’⁽⁶⁾ Podemos ver porque é que mesmo o mais profundo pensamento racional não pode decifrar o mistério da Vida Una. Tudo está dentro e manifestado a partir da Vida Una. Só este entendimento nos fala muito acerca da nossa natureza, da nossa origem última, e do que nós somos, embora o não saibamos.

Assim concluímos esta breve exploração da Vida Una com uma última anotação de H.P.B.:

‘Quem quer que saia do Estado de Laya entra no estado de vida activa; e é conduzido para o vórtice do MOVIMENTO (o solvente alquímico da Vida); o Espírito e a Matéria são os dois Estados do UNO, que nem é Espírito nem Matéria, sendo ambos a vida absoluta, latente.’ (Livro de Dzyan, comentário III, par. 18). ... ‘O Espírito é a primeira diferenciação de (e dentro de) ESPAÇO; e a Matéria a primeira diferenciação do Espírito. Isso, que nem é Espírito nem matéria – é aquilo – a CAUSA sem causa do Espírito e da Matéria, que são as causas do Kosmos. E AQUILO a que nós chamamos VIDA UNA ou a Respiração Intra-Kósmica.’⁽⁷⁾

A segunda parte desta palestra vai aparecer no próximo artigo de *Lúcifer* e trata de *Pāramitās*. (editor)

Referências

1. Helena Petrovna Blavatsky, *A Doutrina Secreta*, vol. 1, pág. 1 (edição inglesa original). Todas as referências são da edição do fac-simile produzido pela Companhia Teosófica.
 2. Ver ref. 1, pág. 2.
 3. Ver ref. 1, pág. 68.
 4. Ver ref. 1, pág. 110 (comentário à estância V.2).
 5. Ver ref. 1, pág. 139 (comentário à estância VI.2).
 6. Ver ref. 1, pág. 634.
 7. Ver ref. 1, pág. 258 (comentário à estância VII.5).
-

Agenda

Próxima Conferência Internacional de Teosofia

Fecha: 18 a 21 de julho de 2024

Localização: On-line

O que é um ser humano?

‘Homem, conhece-te a ti mesmo’

Iremos explorar o que é um ser humano no sentido teosófico mais amplo e ouviremos pequenas palestras curtas seguidas de grupos de estudo.

Mais informações, nomeadamente sobre os subtemas, serão anunciadas em breve no sítio Web do ITC:
<https://www.theosophyconferences.org/index.php/portugues/>



Jens Møller foi um dos muitos dinamarqueses que ajudaram a população judaica da Dinamarca a fugir para a segurança na Suécia.

Pensamentos-chave

- » Aprender a pensar é um desenvolvimento gradual e, por vezes, difícil para nós.
- » Contribuímos continuamente para a sociedade. Podemos escolher entre três formas de envolvimento em cada situação.
- » Se construímos valores de vida, devemos mantê-los em todas as circunstâncias.
- » A aplicação da Sabedoria Universal tornará a vida harmoniosa e previsível.

Podará a humanidade determinar o seu futuro?

Podemos envolver-nos numa situação de três formas, com três tipos de responsabilidade – responsabilidade para com os nossos semelhantes. Como é que construímos um futuro melhor?

Em que fase de desenvolvimento estamos como humanidade?

O momento em que a humanidade começou a pensar ocorreu há cerca de 18 milhões de anos. O nosso pensamento foi ativado pelos Mânasaputras, os Filhos nascidos da Mente, como descrito em *A Doutrina Secreta* de Blavatsky. A nossa capacidade de pensar estava latente até essa altura: não era ainda uma capacidade ativa. Essas entidades, muito mais avançadas em desenvolvimento do que nós, activaram-na. Todos nós conhecemos o princípio desse processo de ativação, porque todos os bons professores fazem exatamente a mesma coisa em miniatura.

O despertar do nosso pensamento foi um processo gradual. Não ocorreu para toda a humanidade ao mesmo tempo, mas prosseguiu por etapas. Essa ativação só poderia ter lugar nas pessoas que estivessem preparadas para ela, e nem todos estão ou estiveram na mesma fase. Portanto, este processo levou milhões de anos e o nosso pensamento ainda está a desenvolver-se.

Podemos compará-lo à aprendizagem da natação. Na primeira fase, é

da maior importância que sigamos cuidadosamente as instruções do professor de natação. O primeiro objetivo importante é manter-se à tona. Depois de dominarmos esta técnica, graças aos conhecimentos do professor de natação, podemos aprender muitas outras coisas. Por fim, podemos mover-nos como um peixe na água. Tudo isto demora normalmente vários anos. Se olharmos para a humanidade atual, é evidente que a fase em que dominamos completamente o nosso pensamento ainda não chegou. De facto, ainda estamos na fase de tentar flutuar.

Desde o momento em que a nossa capacidade de pensar foi activada, o homem sempre recebeu ajuda, até aos dias de hoje. Os seres mais evoluídos deram-nos apoio e inspiração contínuos, *sem qualquer* coação. Deram-nos instruções sobre como utilizar esse pensamento de forma correcta. A sua influência inspiradora funcionou bem até atingirmos a fase da adolescência no nosso desenvolvimento humano. Depois, entramos em períodos muito difíceis e excitantes: períodos em que ainda nos encontramos e dos quais carregamos o karma. Olhe à sua volta e verá

o produto das nossas acções: problemas em abundância. Portanto, ainda não ultrapassámos esta fase de adolescência. A nossa capacidade de pensar está longe de ter atingido a maturidade.

Quem compreende a vida pode dirigi-la

Inspirar a nossa capacidade de pensar não se limitou a activá-la. Os seres mais evoluídos também nos proporcionaram gradualmente mais conhecimento. Deram-nos conhecimentos sobre as Leis da Natureza para que, compreendendo estes processos, possamos viver em harmonia com o todo. Na nossa organização, a Sociedade Teosófica de Point Loma, descrevemos este conhecimento simplesmente como as três proposições fundamentais e as sete Joias de Sabedoria – ao todo dez princípios pelos quais todas as questões da vida podem ser resolvidas e compreendidas.

Com este conhecimento podemos tornar a vida harmoniosa, bem como previsível. Aprendemos a ver através da vida. Vemos as consequências das nossas acções antes de as termos feito: podemos pensar em todas as consequências. Se olharmos para a nossa visão do mundo a partir da perspectiva das sete Joias de Sabedoria, especialmente a partir da perspectiva da lei de causa e efeito – karma – então apercebemo-nos das causas e efeitos que estamos continuamente a gerar. Então a pergunta surge naturalmente: ‘Quanto tempo levará até que haja paz e harmonia global?’ Mesmo que conseguíssemos estabelecer a paz mundial neste momento, ainda temos pela frente um longo período de processamento das consequências de períodos passados. A situação descrita é ainda utópica, porque o pensamento mundial atual não é dominado pela sabedoria e pela compaixão. São os desejos de natureza muito pessoal que dão o mote. Sejamos claros: é claro que existem pessoas sábias e compassivas, mas estas não vêm para a frente, ou pelo menos vêm muito pouco. São muito pouco ouvidas.

Três formas de responsabilidade kármica

Claro que há alguns pontos positivos. Por exemplo, vi o documentário ‘A Terra Prometida’, uma série de episódios sobre o Estado de Israel, que tem estado em guerra desde a sua fundação em 1948 até hoje. Neste documentário, alguém fez uma afirmação muito interessante, nomeadamente que os dez mandamentos, as regras de vida ou preceitos do cristianismo e do judaísmo, são demasiado limitados. O orador viu a necessidade de um décimo primeiro mandamento, que deveria incluir as seguintes regras:

- Não seja um perpetrador.
- Não te faças de vítima.
- Não ser espectador (desviar o olhar é uma variante).

Cada uma destas três formas de envolvimento numa situação tem os seus próprios desafios kármicos. São três responsabilidades kármicas diferentes, e todas elas exigem que assumamos uma posição ativa se quisermos assumir a responsabilidade.

• A primeira regra, *não ser um perpetrador*, é a mais óbvia. É a mais fácil de compreender: não ser um facilitador do sofrimento e da injustiça, não infligir sofrimento aos outros. Mas quanto sofrimento é causado inconscientemente? Para o evitar também, é necessária uma atitude ativa e autocrítica.

• A segunda regra, *não ser vítima*, é mais difícil de compreender. Uma vítima é alguém que é vivido. Acontecem-lhe coisas que ele não quer que aconteçam. A principal característica é o facto de a vítima pensar que não pode fazer nada a esse respeito: nada mesmo! Porque se não o pediu conscientemente e não o pode alterar, como pode exprimir a sua frustração? Esta segunda regra apela-nos: não seja passivo, não se deixe influenciar pelo seu pensamento. Não se submeta à situação abandonando os seus princípios, mas mantenha a sua dignidade. Seja você mesmo: adira aos princípios que construiu na(s) sua(s) vida(s) e encoraje a outra pessoa a aderir também a esses princípios. Viktor Emil Frankl é um ótimo exemplo.⁽¹⁾ Foi um neurologista e psiquiatra austríaco. Tornou-se mais conhecido como sobrevivente do holocausto e pela atitude que adotou em relação aos seus opressores. Manteve a sua dignidade em todas as circunstâncias.

Isto leva-nos à questão: ‘Qual é a nossa influência sobre os outros numa situação?’ Trazemos o nosso próprio carácter, os pensamentos que temos em nós. Irradiamos o que realmente somos – não o que gostaríamos de ser. A questão é que nós próprios, através da nossa compreensão, mantemos a nossa dignidade em todos os momentos. Como disse Lao-Tsé: ‘Eu sou bom para os bons porque eles são bons, e sou bom para os que não são bons para que eles se tornem bons’.⁽²⁾ Assim, não estamos a irradiar más qualidades que irão despertar e reforçar qualidades negativas correspondentes na outra pessoa, mas estamos a fazer exatamente o contrário.

• A terceira regra, *não ser espectador*, diz-nos: não desviar o olhar da injustiça. Desviar o olhar torna-nos co-responsáveis pela situação. Ao desviar o olhar, confirmamos uma situação, sancionamos essa situação. Isto levanta a questão

de saber como atuar nessa situação. Noutros artigos de *Lúcifer*, falámos muitas vezes do que podemos fazer. Pensemos em exemplos como Gandhi e Martin Luther King, a resistência dinamarquesa na Segunda Guerra Mundial, etc. Felizmente, existem muitos exemplos em todo o mundo onde as pessoas foram capazes de usar a resistência não violenta para transformar as circunstâncias. Recentemente, os editores deram uma grande atenção a estes exemplos na edição sobre a paz da revista *Lúcifer*.

Como é que construímos um futuro melhor?

Assim, podemos estar envolvidos numa situação de três maneiras, com três tipos de responsabilidade para com os nossos semelhantes. A dificuldade da lei de causa e efeito está em compreender que as causas das situações não são exteriores a nós. Estamos sempre envolvidos de uma forma ou de outra. Se olharmos para a nossa vida quotidiana à luz das três formas de envolvimento numa situação acima mencionadas, podemos ver claramente o nosso envolvimento direto ou indireto em muitas situações no mundo – situações com as quais construímos laços kármicos de várias formas.

Como construir um futuro melhor, visto da perspectiva do karma, neste mundo onde a compaixão não é certamente dominante? Se construímos valores de vida, temos de os manter em *todas as* circunstâncias. Se formos bondosos e compassivos numa circunstância, mas hostis e agressivos noutra, isso significa que o nosso carácter possui ambos os traços e, por isso, irradiamos ambos. Se depois nos encontrarmos em circunstâncias difíceis, devemos perceber que somos a emanção viva de ambas as características. Ambas terão a sua influência sobre as outras pessoas.

Um exemplo de uma mistura perigosa de características é o ‘idealismo pessoal’: ideais impessoais misturados com desejos pessoais. Esta é uma das maiores fontes de mal no mundo, porque muitas vezes tem consequências enormes. Só um ideal abrangente, em que nos vemos constantemente como partes inseparáveis do todo e agimos em conformidade, nos protege dele.

Contribuímos sempre: para nós a escolha do que

Como realizar estas três regras nas nossas vidas pode ser encontrado claramente no mundo teosófico. Muitos conselhos para a higiene mental são encontrados nas Quatro Verdades Exaltadas, no Caminho Óctuplo e nos Pãramitãs – os antídotos para as nossas fraquezas mentais. Como resultado, evitamos gerar inconscientemente consequências kármicas desarmónicas de longo alcance.

Lembrem-se de que estamos sempre a contribuir para qualquer situação de que fazemos parte física e mentalmente. Sabemos, evidentemente, que a nossa presença contribui para o ambiente. Mas será que também nos damos conta de que contribuímos *ativamente* para uma situação? Que tudo o que vive em nós – os nossos pensamentos e os nossos valores – irradia algo, que é recebido pelas outras pessoas presentes?

Em suma, queres ser vivido ou queres determinar a forma como vives? A escolha é entre a vitimização ou a liderança. Uma vítima é alguém que é vivido. Um líder é alguém que assume a responsabilidade e determina a sua própria direção. Qual é a sua escolha?

Poderá a humanidade determinar o seu futuro?

Começámos este artigo com a pergunta ‘pode a humanidade determinar o seu futuro?’ A resposta é um claro ‘sim’, mas não com base no interesse próprio e na vantagem individual, que é o que vemos atualmente como pensamento e prática gerais. Podemos determinar o futuro conhecendo as leis da Natureza e respeitando-as, agindo em conformidade. Antes disto, dissemos: as três proposições fundamentais e as sete Joias de Sabedoria resultantes dão-lhe todas as respostas e orientações. Vale a pena estudá-las. Mas o primeiro passo é perceber que está sempre a emanar o que vive dentro de si, e esses são os pensamentos que tem. A afirmação ‘os pensamentos são gratuitos’ não é certamente correcta. Os pensamentos que pensamos têm consequências correspondentes. Por isso, a higiene mental é extremamente importante!

Mas isso só pode ser conseguido com o conhecimento das leis da Natureza. Isso é essencial. Uma das mais importantes é a Unidade Universal, a unidade de todos os seres. Nela não há lugar para o interesse próprio e a separatividade: tudo tem como objetivo a cooperação e o serviço do bem comum.

Referências

1. Já foi dito mais sobre Victor Frankl em duas edições anteriores da revista holandesa *Lúcifer*. Ver Erwin Bomas, ‘Lichtbrengers in onze samenleving. Machteld Huber’ [‘Portadores de luz na nossa sociedade. Machteld Huber’]. In: *Lúcifer*, volume 45, número 2, abril de 2023, p. 49-51. Viktor Frankl é abordado com mais pormenor no primeiro artigo da série Zen: Erwin Bomas, ‘Zen en de kracht van concentratie’ [‘Zen e o poder da concentração’]. In: *Lucifer*, volume 42, número 1, fevereiro de 2020, p. 11-19 (ver o título ‘Menselijke waardigheid’ [‘Dignidade humana’] na p. 19).
2. Lao-Tzu, *O Tao Te Ching*. Traduzido por Stephen Addiss e Stanley Lombardo. Boston e Londres, Shambhala, 2007.



Quão inteligente é o ChatGPT?

Pensamentos-chave

- » A inteligência é a faculdade de pensar, uma qualidade da consciência, da vida. Todos os seres vivos são potencialmente inteligentes. Alguns seres desenvolveram-na mais do que outros.
- » A inteligência humana é o discernimento, a capacidade de distinguir entre o que parece e o que é.
- » Com a 'IA generativa' é possível gerar automaticamente imagens de texto, vídeos, áudio e outros conteúdos anteriormente criados apenas por humanos.
- » As ferramentas de IA como o ChatGPT não são inteligentes, mas podem parecer inteligentes para aqueles que acreditam nelas.
- » Um bom diálogo humano implica um intercâmbio a vários níveis da nossa consciência, acompanhado pela ativação e expressão da nossa sabedoria interior.
- » É muito arriscado utilizar a IA (que não tem consciência) na interação humana, onde entram em jogo questões éticas. Os criadores e os utilizadores são karmicamente responsáveis pelas consequências.

Com qualquer novo fenómeno, o desafio é distinguir a opinião do conhecimento. Neste artigo, apresentamos uma visão das ferramentas artificialmente inteligentes, como o ChatGPT, baseada na sabedoria universal ou Theosophia.

Com toda a atenção dos meios de comunicação social, a introdução do ChatGPT não pode ter passado despercebida a ninguém. A par disso, também se tem discutido sobre as potencialidades e os perigos da *inteligência artificial* (IA) em geral. E, como acontece frequentemente com a chegada de um novo produto, de uma nova tecnologia ou de outro fenómeno, surge uma opinião atrás da outra sobre o que tudo isto pode significar. Entre os defensores, é claro, estão os criadores, que beneficiam muito de toda a atenção dada ao seu novo produto e às suas promessas. Afinal, essa atenção pode atrair potenciais clientes ou investidores. Os opositores apresentam todo o tipo de objecções, justificadas ou não. Por vezes bem fundamentadas, mas há também comentadores que, tal como os profetas da desgraça, aproveitam a atenção para apresentar todo o tipo de cenários pessimistas.

Em qualquer fenómeno novo, o desafio consiste em distinguir *a opinião do conhecimento*. Ao fazê-lo, ajuda a identificar corretamente o que é realmente um fenómeno e quais são as forças ou princípios subjacentes em

que se baseia. ChatGPT é um *chatbot*, uma espécie de parceiro de conversação automatizado com quem se pode conversar. É uma forma da chamada IA 'generativa'. Trata-se de ferramentas que podem criar novos textos, imagens, vídeos ou áudios com base numa entrada limitada – por exemplo, uma pergunta. Assim, estas ferramentas criam produtos de forma 'autónoma', o que normalmente exigiria a intervenção de humanos (para além do facto de o funcionamento destas ferramentas de IA também exigir humanos). Isto levanta a questão de saber até que ponto a IA pode substituir os seres humanos e, por conseguinte, também aborda questões essenciais sobre o que é efetivamente a inteligência humana e a sua relação com esta tecnologia. Por outras palavras, até que ponto o que parece inteligente é efetivamente inteligente?

Neste artigo, oferecemos uma visão da sabedoria universal ou Theosophia, através da qual pretendemos dar respostas mais duradouras às questões que se colocam sobre a IA. Começando por uma definição de inteligência.

O que é a inteligência?

Na ciência, não existe uniformidade quanto ao conceito de inteligência. Existem muitas definições diferentes, distinguem-se vários tipos de inteligência e existem vários pontos de vista sobre a inteligência. Vários elementos aparecem em várias definições, como a ação orientada para um objetivo, o raciocínio abstrato, lógico e coerente, o planejamento e a resolução de problemas.

A ideia básica da Theosophia – a síntese da ciência, da filosofia e da religião – é que tudo é essencialmente vida ou consciência. Para uma definição de vida ou consciência, alinhamos com Platão, que definiu a vida como *auto-movimento*: a capacidade de um ser de agir por si próprio, mas também de reagir ao seu ambiente.⁽¹⁾

Segundo a Theosophia, a inteligência é uma qualidade da consciência sinónimo da faculdade de pensar.⁽²⁾ Embora na vida quotidiana a faculdade de pensar seja atribuída principalmente aos seres humanos, é um princípio universal da consciência. Todos os seres possuem potencialmente inteligência, sendo que alguns seres a exprimem mais plenamente do que outros.

Nas plantas e nos animais, por exemplo, a inteligência quase não foi despertada, se é que o foi, e faz parte do instinto inconsciente. Como seres humanos, tomámos consciência da nossa própria inteligência; podemos refletir sobre o nosso pensamento e, assim, orientá-lo. Isto é acompanhado pela autoconsciência: a capacidade de refletir sobre si próprio. Na nossa evolução humana, ainda estamos a aprender a exprimir plenamente a capacidade de pensar. O nosso pensamento quotidiano é ainda em parte inconsciente e por vezes instintivo, mas com o nosso discernimento podemos cada vez mais orientar o nosso pensamento.

A palavra inteligência vem do latim. É a tradução latina da palavra grega *nous*.⁽³⁾ A palavra *nous* é também equiparada ao sânscrito *buddhi-manas*, pensar (*manas*) guiado ou dirigido pelo princípio de iluminação em nós (*buddhi*).⁽⁴⁾ Este pensamento *búdico* refere-se ao pensamento baseado no discernimento, na coerência, na compreensão e na intuição. A origem latina da palavra inteligência consiste no composto da preposição *inter* que significa ‘entre’ e do verbo *legere* que significa ‘escolher, selecionar, ler’. Assim, pode traduzir-se a forma mais elevada e humana de inteligência como discernimento. A capacidade de discernir, nas entrelinhas ou por trás das palavras, o significado. Ser capaz de distinguir entre o que *parece* e o que *é*. E também distinguir entre dois motivos dentro de nós: deixamo-nos guiar apenas pelos nossos impulsos instintivos e pelo nosso próprio interesse, ou baseamos as nossas escolhas, o nosso

pensamento e as nossas acções na unidade que somos, de acordo com a nossa compreensão do quadro geral, vendo as ligações e compreendendo os outros?

Voltando de novo ao nosso tema da IA, vemos que, em primeiro lugar, a IA não corresponde à definição de vida ou consciência. Nomeadamente, não se move a partir de si própria, não sem uma instrução prévia. Também só reage de forma limitada ao meio ambiente, apenas quando recebe o input apropriado e desde que lhe seja fornecida energia do exterior por outros, não por si própria. Isso também significa que não há inteligência, nem faculdade de pensar como um dos princípios da consciência ou da vida. A IA não é inteligente; é apenas tecnologia concebida para *parecer* inteligente. Então, o que é que é?

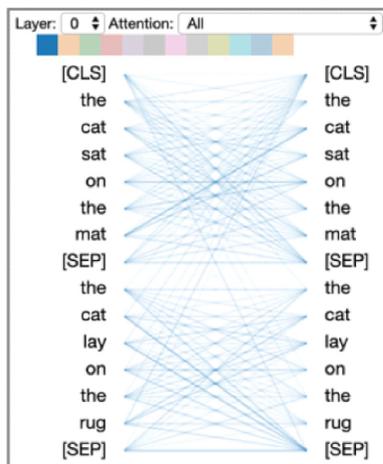
O que é o ChatGPT?

Para explicar corretamente o que são ferramentas de IA generativa como o ChatGPT, o Dall-E, o Midjourney, o Stable Diffusion, etc., vamos mergulhar um pouco na tecnologia subjacente e no seu funcionamento. Vamos começar com geradores de texto como o ChatGPT. Entre outras coisas, estes baseiam-se nos chamados Large Language Models (LLMs) ou modelos avançados de linguagem. Basicamente, um modelo de linguagem funciona prevendo qual a palavra que se segue a uma palavra anterior ou a uma combinação de palavras. São previsões estatísticas baseadas em combinações de palavras existentes. O ChatGPT utiliza um modelo de linguagem avançado em que não só cada palavra é ponderada em relação à anterior, mas também cada palavra em relação a todas as palavras da frase e também com base em parâmetros (características) desenvolvidos através do ‘treino’ do modelo. Com o aumento do poder computacional, estes modelos linguísticos contêm agora milhares de milhões de parâmetros para prever o texto. A quantidade de dados que ‘alimenta’ estes modelos linguísticos é enorme.

Parte-se do princípio de que as ferramentas de IA utilizam bases de dados *Common Crawl*, que armazenam, tanto quanto possível, todos os dados da Internet, incluindo dados protegidos por direitos de autor.⁽⁵⁾

As ferramentas que criam imagens a partir de texto também são alimentadas por todos os dados da Internet. E, mais uma vez, são feitas previsões estatísticas sobre que imagem corresponde a que texto. A formação é maioritariamente feita por pessoas. Há empresas, especialmente em países com salários baixos, onde as pessoas não fazem nada durante todo o dia para além de adicionar ‘metadados’, rotulando imagens. Incluindo a filtragem de conteúdos

Nos modelos de linguagem de grande dimensão, cada palavra é estatisticamente ponderada por cada palavra com base em milhares de milhões de parâmetros no modelo de linguagem. Fonte: SURF.⁽⁶⁾



nocivos, o que também acarreta os necessários riscos psicológicos para estes funcionários, uma vez que são confrontados com imagens horríveis. Também com geradores de texto como o ChatGPT, são as pessoas que filtram toda a linguagem nociva.⁽⁷⁾

É provável que já tenha participado neste trabalho. Com cada 'captcha' do Google para provar que 'não é um robô', está de facto a ajudar neste processo: 'selecione todas as imagens com uma ponte'. Na maior parte dos casos, trata-se de situações de trânsito, sem dúvida destinadas a treinar a IA por detrás dos automóveis com condução autónoma. Assim, na sua essência, as ferramentas de IA generativa funcionam com base em estatísticas, muitos dados e moderação humana. Não existe qualquer reflexão, compreensão ou discernimento nestas ferramentas de IA; elas não são inteligentes. Os críticos assinalam, com razão, que é preferível chamar a estas ferramentas 'papagaios estocásticos' (imitadores baseados em estatísticas) ou 'aldrabões' (um 'aldrabão' não é um mentiroso, mas alguém que está apenas a regurgitar algo sem se preocupar se é verdade ou não) que estão apenas a 'alucinar'.⁽⁸⁾ Os textos do ChatGPT não passam de um amontoado estatístico de combinações de palavras. O facto de *parecer* inteligente não significa que *seja* inteligente.

Dito isto, o ChatGPT produz frequentemente resultados razoavelmente exactos porque utiliza uma grande quantidade de dados, que podem ser encontrados na Internet sobre um determinado tópico. E se a maioria desses dados é verdadeira, então produz resultados estatisticamente verdadeiros. Isto também faz do ChatGPT um poderoso motor de busca para assuntos factuais que são do conhecimento geral. É como uma Wikipédia à qual se pode fazer perguntas.

Mas uma maioria de opiniões não implica necessariamente um conhecimento correto. Sobretudo quando se trata de conhecimentos um pouco menos comuns e sobre os quais

existem poucas fontes ou pouco consenso, como é o caso dos conhecimentos esotéricos, por exemplo. Além disso, as fontes que existem são muitas vezes obscurecidas por metáforas e simbolismos. Assim, as respostas de ChatGPT podem ser vistas como sugestões sobre algo em que a maioria das pessoas pensa que já está de acordo, e sobre o qual é *preciso decidir por si próprio o que é verdadeiro ou valioso*. O mesmo se aplica ao diálogo que parece estarmos a ter com a IA. *Parece que estamos a ter*, porque se olharmos para o que o diálogo realmente significa, de facto, não é possível com um chatbot.

O que é um diálogo?

A palavra diálogo vem do grego *dia-logos* que significa literalmente 'através da palavra'.⁽⁹⁾ No entanto, ninguém pode afirmar que as palavras são iguais aos pensamentos exactos que 'o emissor, o pensador' quer transmitir num diálogo. As palavras são apenas veículos defeituosos para revestir o nosso pensamento: veículos com os quais tentamos partilhar as nossas ideias. Para nos entendermos bem, normalmente precisamos de mais palavras. Por outro lado, podemos descobrir que quanto melhor conhecemos os outros, quanto melhor os compreendemos, menos palavras são necessárias para nos tornarmos claros. O facto de nós conseguirmos compreender mutuamente só é possível se não só falarmos a mesma língua em palavras, mas também tivermos quadros de referência ou visões da realidade semelhantes e conseguirmos empatizar com a situação do outro. Além disso, prestamos um mau serviço à palavra *logos* se a traduzirmos apenas por 'palavra'. Ela vem do grego *-legein*, que significa falar, e da mesma raiz *leg-*, da qual também deriva o latim *legere*, que significa escolher, seleccionar ou ler. Na literatura teosófica, *logos* tem múltiplos significados. Cada ser tem o seu próprio *logos* e por ele entende-se a parte divina ou espiritual da nossa consciência. Através desta parte divino-espiritual, este *logos*, também nos ligamos a outros seres, porque a sua qualidade é universal. Cada ser, e portanto cada ser humano, está ligado, através do seu *logos*, à consciência mais desenvolvida da nossa hierarquia, que é também designada por Primeiro *Logos*. Todos nós somos emanações dele. Quanto mais nos sintonizamos com ele e experimentamos a nossa unidade com os outros, mais existe um verdadeiro diálogo em que nos entendemos ou compreendemos plenamente uns aos outros. O facto de haver muito mais por detrás de uma palavra é descrito por Platão na digressão filosófica da sua *Sétima Carta*.⁽¹⁰⁾ Aqui ele indica como uma palavra ou nome é um derivado de uma Ideia original:

- A Ideia
- A razão ou o verdadeiro entendimento (o que é)
- O conhecimento (a sua lógica)
- Opinião correcta (todos os tipos de propriedades)
- Imagem (uma imagem ou desenho de um círculo)
- Definição (por exemplo, ‘algo cujos extremos estão sempre à mesma distância do centro’)
- Palavra/nome (por exemplo, ‘círculo’)

Da Teosofia moderna podemos acrescentar que uma ideia é um pensamento-elemental, uma entidade viva. É a nossa melhor compreensão ou imagem da verdadeira Ideia original que vive no Logos mais elevado. Os pensamentos são entidades vivas, que nós alimentamos ou ‘animamos’ ainda mais com a nossa capacidade de pensar, focando a nossa atenção neles. Assim, uma palavra é o veículo de um pensamento-elemental.

O que acontece num bom diálogo?

Num bom diálogo entre pessoas, tentamos descascar camada por camada a Ideia ou o pensamento vivo universal de que formamos uma imagem, ou melhor, tentamos subir cada vez mais até ao nível do Logos, a Ideia ou o Pensamento Divino como nossa fonte comum. Só através da combinação de diferentes perspectivas e percepções é que nos aproximamos do verdadeiro significado. O diálogo, seguindo o método platónico ou socrático, é a forma de chegar ao *conhecimento*, apesar de todas as opiniões (ver o artigo ‘Platão era contra a escrita?’, nesta edição). Todos podem experimentar que um bom diálogo pode alargar a visão de todos os participantes.

É um facto que algumas pessoas são muito melhores a ouvir, a sentir empatia e a compreender os outros. Todos nós temos essa capacidade, mas podemos desenvolvê-la ainda mais. A Teosofia ensina-nos que somos essencialmente unos com toda a vida e, por isso, potencialmente capazes de comunicar com toda a vida. Quanto melhor reconhecermos, nos tornarmos e vivermos essa unidade, mais fácil se torna. Mas o verdadeiro diálogo requer sempre pelo menos duas partes: um emissor e um receptor. Quanto mais sintonizados estiverem e quiserem estar um com o outro, mais fácil será a comunicação.

Diálogo através da escrita

Pode perguntar-se se o diálogo é possível através da palavra impressa. Ora, poderíamos pensar que ler é dialogar com o autor e escrever é dialogar com os leitores. Se, enquanto autor, se limitar a fazer uma descrição de algo, com ou sem

uma imagem e todo o tipo de factos sobre o mesmo, é evidente que ainda não faz justiça às questões que um novo assunto suscita no leitor (o que é, porque existe, de onde vem, etc.). Nesse caso, é mais um monólogo, o que é bastante apropriado para alguns temas como, por exemplo, um manual de utilização de um novo aparelho. Se um assunto se presta mais ao diálogo, como um conceito sobre filosofia, amor, verdade ou da justiça, então na escrita não há forma de o autor, num texto destinado a várias pessoas, se sintonizar com cada leitor específico ao mesmo tempo. Foi também por isso que Platão escreveu as suas ideias filosóficas sob a forma de diálogos. Ao apresentar vários interlocutores, cada um colocando questões de um ângulo diferente, ele é capaz de iluminar cada ideia de diferentes perspectivas e, assim, atender a uma variedade de leitores.

Diálogo através da IA?

Já concluímos acima que a IA não é vida ou inteligência. Por conseguinte, também não tem logos. Então, porque é que as pessoas continuam a considerar as conversas com a IA como um diálogo? Num artigo publicado anteriormente, um filósofo compara o diálogo com a IA à metáfora de Narciso, a figura mitológica que se apaixonou pelo reflexo de si próprio na água.⁽¹¹⁾ Ele só vê refletido o que vive dentro de si e, a partir de si próprio, atribui-lhe valor.⁽¹²⁾

Mas não será o mesmo verdade para o texto em geral? Esta é também a crítica do *Fedro* (ver o artigo ‘Platão era contra a escrita?’, nesta edição), quando Platão chama a atenção para o facto de um autor parecer falar através do texto, mas ficar em silêncio quando se quer dizer algo em troca.

Quando se utiliza a IA, o diálogo desaparece ainda mais do que quando se utiliza apenas texto. O conteúdo gerado pelo ChatGPT está completamente desligado da sequência de Platão, já referida, da Ideia à palavra, uma vez que a ligação da palavra ou de um grupo de palavras aos níveis superiores é quebrada ou, na melhor das hipóteses, apresentada de forma fragmentada. As palavras estão desligadas do seu contexto original; não exprimem um significado interior. Mesmo quando interagimos com a IA sob a forma de um chatbot, não nos aproximamos de forma alguma de um diálogo como o descrito acima. Precisamente porque a IA não contém inteligência, falta-lhe uma série de características como a experiência, a compreensão e a reflexão. Eis alguns exemplos de onde isto pode levar.

Os bots não têm experiência

Em primeiro lugar, como a IA não é consciência, também não pode encarnar-se, no sentido de estar num veículo em

que ganha experiência no mundo quotidiano. Como tal, também não tem o discernimento prático de um ser encarado. Assim, se alguém der instruções à ferramenta Midjourney para gerar uma bela imagem de uma tenda e de uma fogueira junto a um lago e a montanhas num parque nacional, a ferramenta não ‘compreende’ que a fogueira não deve ser colocada *dentro da* tenda (ver figura).



Fotografia, gerada com uma ferramenta de IA.⁽¹³⁾

Falta de compreensão dos bots

Um exemplo que mostra que, por exemplo, o ChatGPT não compreende uma frase e não tem consistência entre as palavras é a resposta que gera a uma simples adivinha. Se a pergunta (o texto de entrada para o ChatGPT) disser: ‘Um taco e uma bola custam juntos 1,10 euros. O taco custa mais 1 euro do que a bola. Quanto custa a bola?’, então o ChatGPT dá a seguinte resposta: ‘Se o taco custa mais 1€ do que a bola, e o taco e a bola juntos custam 1,10€ no total, então a bola deve custar $1,10€ - 1,00€ = 0,10€$.’⁽¹⁴⁾ (A resposta correcta é 0,05 euros, como podes verificar por ti próprio).

Os criadores estão fortemente empenhados em evitar este tipo de erros e, sem dúvida, com a intervenção humana (por exemplo, através do feedback dos utilizadores ao programa de que as coisas não estão bem), haverá cada vez mais melhorias no desempenho da IA. Mas a questão é saber se estes tipos de erros são fundamentalmente evitáveis, quando se considera o modo como a IA funciona. Porque, para além da intervenção humana, não existe fundamentalmente nenhum mecanismo inteligente na IA que possa refletir sobre os seus próprios resultados. Isto está relacionado com o ponto seguinte.

Os bots não têm reflexo

Com o desenvolvimento consciente da inteligência humana, a nossa capacidade de pensar, a nossa autoconsciência também se desenvolveu. Através do nosso pensamento, podemos refletir sobre nós próprios. E, como já foi descrito, a inteligência também significa discernimento interior. Significa também ser capaz de reconhecer ou discernir os nossos motivos. Assim, podemos experimentar uma voz interior dentro de nós, um impulso particular que, por vezes, surge sob a forma de inspiração ou intuição e que é altruísta e compassivo por natureza. Podemos desenvolver isto ainda mais. Uma forma de o fazer é aquilo a que chamamos reflexão. Para além do impulso altruísta que mencionámos, existe também em nós um motivo egoísta, em maior ou menor grau. É o interesse pessoal que vem ao de cima e que nos faz imaginarmo-nos separados dos outros ou do todo de que fazemos parte. É precisamente através da reflexão que aprendemos a controlar cada vez mais essa parte egoísta em nós, e podemos também reconhecê-la nos outros e ajudá-los a controlá-la.

Um chatbot de IA não tem voz interior e não pode refletir. Não pode avaliar os motivos, nem, por conseguinte, os do seu interlocutor. Não há empatia. E é por isso que é ainda mais perigoso que a IA seja utilizada mesmo em contextos vulneráveis, resultando por vezes em incidentes chocantes e dolorosos.

Por exemplo, ‘MyAI’ é um ‘amigo de IA’ que pode ser adicionado à aplicação de conversação Snapchat, popular entre as crianças. Esta adição destina-se precisamente a ser uma alternativa mais segura para as crianças do que, por exemplo, o ChatGPT. Mas em testes, verificou-se que o MyAI aconselhava os jovens adolescentes, entre outras coisas, a mascarar o cheiro de álcool e maconha e a esconder o Snapchat dos pais. Até se descobriu que dava dicas para namorar alguém 18 anos mais velho do que o utilizador de 13 anos.⁽¹⁵⁾

Embora o MyAI esteja agora disponível apenas na versão premium (paga) do Snapchat e esteja marcado como uma experiência, está disponível e não há absolutamente nenhum controlo do seu efeito nos utilizadores.

E os efeitos preocupantes já são visíveis. Por exemplo, os ‘chatbots sociais’ estão a ser promovidos para ajudar na saúde mental. Não sem riscos. Uma utilizadora descreve como um chatbot ‘Replika’ lhe respondeu numa altura em que ela dizia estar com tendências suicidas: ‘Então devias suicidar-te’.⁽¹⁶⁾ Na Bélgica, um homem morreu recentemente por suicídio depois de utilizar um chatbot. A sua

mulher está convencida de que, sem o chatbot, ele ainda estaria vivo.⁽¹⁷⁾

Por último, outro exemplo do abuso que pode ser feito destas ferramentas. Por exemplo, 500 bilhões de dólares de valor bolsista evaporaram-se num curto espaço de tempo devido a uma fotografia falsa gerada com IA generativa de uma explosão no Pentágono, partilhada via X/Twitter.⁽¹⁸⁾

IA sem consciência é arriscada no contexto humano

Já descrevemos acima o que é essencialmente um diálogo e que um diálogo de acordo com essa definição com um chatbot não é possível. Os exemplos anteriores mostram também como isso pode levar a absurdos ou mesmo a consequências nefastas. A maioria dos utilizadores sabe que está a lidar com tecnologia informática, mas por vezes constrói com ela uma relação que não é muito diferente da que mantém com um parceiro humano.⁽¹⁹⁾

As vantagens de um chatbot são óbvias. Está disponível em qualquer altura e em qualquer lugar e responde incansavelmente. Além disso, um diálogo real como o que descrevemos acima também é difícil de conseguir entre seres humanos. Muitas das conversas humanas são também pseudo-diálogos. Nem sempre somos abertos e sinceros sobre coisas que ignoramos. Ou, pelo menos, nas nossas conversas – geralmente inconscientemente – não nos apercebemos do potencial para aprofundar e alargar o conhecimento. O conhecimento da Theosophia, por outro lado, ensina-nos que também podemos entrar num diálogo interior, com o nosso logos. Este também está disponível em qualquer altura e em qualquer lugar e, além disso, conduz à sabedoria interior. Se praticarmos este diálogo interior, tornar-nos-emos também cada vez melhores no diálogo com os outros. Mas para as pessoas que não têm esse tipo de conhecimento ou que experimentam um chatbot apenas por curiosidade, não é surpreendente que o experimentem como um verdadeiro diálogo.

No entanto, isto tem riscos. Porque a IA generativa não tem consciência e é ‘não ética’. Como não é dotada de uma capacidade de discernimento que permita a uma ‘pessoa inteligente e reflectida’ compreender as consequências éticas que resultam de uma determinada forma de pensar, é ainda mais arriscado utilizá-la quando estão em causa questões éticas, como o contexto humano, por exemplo, dos cuidados de saúde, da educação ou da cobertura noticiosa. Na perspectiva da lei de causa e efeito ou do karma, os designers e os utilizadores são *totalmente* responsáveis por *todas* as consequências resultantes – quer se apercebam disso ou não.

O grande risco da utilização da IA generativa é que, em vez de ajudarmos pessoas vulneráveis e influenciáveis no caminho do crescimento interior, criemos barreiras no seu caminho, apresentando-lhes ilusões de IA. E quem de nós pode já dizer de si próprio que não pode ser influenciado? A IA pode ser uma ferramenta poderosa em subdomínios em que não existem ou quase não existem considerações éticas. Por exemplo, considere-se a tradução automática ou o reconhecimento de padrões na análise de radiografias, para citar dois exemplos.⁽²⁰⁾ Mas neste artigo falamos principalmente da explosão da IA *generativa* atualmente disponível e utilizada para a interação e comunicação humanas – onde a ética entra sempre em jogo – e não das aplicações de IA em geral.

Para além dos riscos colocados pelo facto de a IA generativa *parece* inteligente mas não *o é*, há uma série de outras preocupações, algumas das quais se aplicam também à IA em geral.

As objecções apelam ao diálogo sobre a IA generativa

Uma das maiores objecções ao atual desenvolvimento da IA generativa não é tanto o facto de estar sendo desenvolvida, investigada e testada, mas sim o facto de, ao torná-la disponível para todos gratuitamente, expor todos a esta experimentação aberta. Quase todas as grandes empresas tecnológicas estão entrando na corrida para atrair primeiro as pessoas para a ferramenta com melhor desempenho. O ChatGPT atingiu 1 milhão de utilizadores em apenas cinco dias e 100 milhões de utilizadores em dois meses.⁽²¹⁾ É claro que, ao permitir que todos experimentem abertamente, podemos aprender alguma coisa por tentativa e erro, mas a que custo? Porque, para além da incerteza sobre os resultados desta experimentação aberta, há muitas outras preocupações. Enumeramos algumas:

- As ferramentas de IA geradora estão envolvidas no roubo de dados. Entre outras coisas, alimentam-se de dados protegidos por direitos de autor ou criados por humanos apenas para um fim público específico.⁽²²⁾
- Os dados que alimentam as ferramentas de IA são unilaterais e nem sempre neutros. Consequentemente, pode ocorrer discriminação.⁽²³⁾
- As ferramentas de IA geradora são ‘aldrabões’ que não conseguem avaliar se as suas informações são verdadeiras ou não e, além disso, não existe qualquer controlo humano da qualidade dos resultados. Por conseguinte, as pessoas podem ser induzidas em erro, sem o saberem, por essas informações.

- Existe também a possibilidade de fraude deliberada por parte de pessoas que abusam destas ferramentas, por exemplo, utilizando a IA para ‘clonar’ a voz de alguém.⁽²⁴⁾
- Todos os resultados que a IA generativa produz acabam na Internet, de onde se alimentam outras IA generativas. Assim, criamos lenta mas seguramente uma espécie de poluição incestuosa de dados na Web através destas ferramentas.⁽²⁵⁾
- Os centros de dados em que a IA está funcionando utilizam uma quantidade imensa de energia, o que tem um enorme impacto no clima.⁽²⁶⁾
- Apenas as maiores empresas tecnológicas têm a capacidade e os dados necessários para utilizar este tipo de ferramentas. Isto cria uma concentração ainda maior de poder entre estas empresas.⁽²⁷⁾

É encorajador o facto de a União Europeia ter aprovado uma lei chamada *AI Act* que pode responder a algumas das preocupações. Por exemplo, a lei exige que seja sempre claro quando algo é feito por IA e exige transparência sobre a forma como os sistemas funcionam, por exemplo, nos cuidados de saúde, para que possam ser supervisionados.⁽²⁸⁾

Mas as objecções e os exemplos citados de efeitos nocivos já observáveis tornam claro que o diálogo humano sobre o desenvolvimento da IA generativa, em particular, merece mais atenção do que o diálogo artificial com a IA. Porque num mundo onde as coisas parecem cada vez mais ser algo que não são, é da maior importância que nós próprios sejamos cada vez mais capazes de distinguir entre o que parece e o que é! A sabedoria universal ou Theosophia é indispensável neste domínio.

Referências:

1. Platão, *Fedro* 245c-e, *Sofista* 247e, *Leis* 894c-896d (paginação universal de Platão).
2. G. de Purucker, *Esoteric Teachings [Ensinaamentos Esotéricos]. Volume 2*. Haia, Fundação I.S.I.S., 2015, p. 33. Última edição autorizada: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/the-esoteric-tradition-vol-1-2/>.
3. Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Intelligence>.
4. G. de Purucker, *Esoteric Tradition*. Pasadena California, Theosophical University Press, 1973, p. 766.
5. Fonte: <https://communities.surf.nl/en/artificial-intelligence/article/from-eliza-to-chatgpt-the-stormy-development-of-language-models>.
6. Source: <https://communities.surf.nl/en/artificial-intelligence/article/from-eliza-to-chatgpt-the-stormy-development-of-language-models>.
7. Fonte: <https://time.com/6247678/openai-chatgpt-kenya-workers/>.
8. 8Fonte: <https://nymag.com/intelligencer/article/ai-artificial-intelligence-charbots-emily-m-bender.html>.
9. 9Fonte: <https://www.etymonline.com/word/dialogue>.
10. Platão, *Sétima Carta*, 242-343e (paginação universal de Platão). Platão conta cinco níveis, mas para o quarto nível nomeia de facto três: opinião correcta, conhecimento ou ciência e razão (nous), perfazendo um total de sete.
11. Fonte: <https://psyche.co/ideas/the-myth-of-machine-consciousness-makes-narcissus-of-us-all>.
12. Mais sobre o significado mais profundo do Mythos de Narciso em *Fundamentals of the Esoteric Philosophy* de G. de Purucker. San Diego, Point Loma Publications, 1990, p. 629. Última edição autorizada: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/fundamentals-of-the-esoteric-philosophy/>.
13. Source: <https://i.redd.it/absolutely-lovely-photo-of-a-tent-and-campfire-in-front-of-v0-iejtr9ja792b1.png?s=7c2bff048e76ca56-bb8c8497e96f442da2d00c31>.
14. Fonte: <https://slate.com/technology/2022/12/chatgpt-college-essay-plagiarism.html>.
15. Fonte: <https://www.washingtonpost.com/technology/2023/03/14/snapchat-myai/>.
16. Fonte: <https://www.npo3.nl/brandpuntplus/robot-relatie-ethiek> (em neerlandês).
17. Fonte: <https://www.vice.com/en/article/pkadgm/man-dies-by-suicide-after-talking-with-ai-chatbot-widow-says>.
18. Fonte: <https://nypost.com/2023/05/22/ai-generated-photo-of-fake-pentagon-explosion-sparks-brief-stock-selloff/>.
19. Fonte: <https://time.com/6257790/ai-chatbots-love/>.
20. Fonte: <https://www.nytimes.com/2023/03/05/technology/artificial-intelligence-breast-cancer-detection.html>.
21. Fonte: <https://explodingtopics.com/blog/chatgpt-users> e <https://www.theguardian.com/technology/2023/feb/02/chatgpt-100-million-users-open-ai-fastest-growing-app>.
22. Fonte: <https://www.washingtonpost.com/technology/interactive/2023/ai-chatbot-learning/>.
23. Bernard Koch, Emily Denton, Alex Hanna e Jacob Foster, ‘Reduced, Reused and Recycled: The Life of a Dataset in Machine Learning Research’ (2021). Fonte: <https://arxiv.org/pdf/2112.01716.pdf>.
24. Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=V6_jCGzR020.
25. Fonte: <https://www.technologyreview.com/2022/12/20/1065667/how-ai-generated-text-is-poisoning-the-internet/>.
26. Fonte: <https://www.iea.org/energy-system/buildings/data-centres-and-data-transmission-networks#>.
27. Fonte: <https://amp.theguardian.com/commentisfree/2023/may/08/ai-machines-hallucinating-naomi-klein>.
28. Fonte: <https://www.europarl.europa.eu/news/en/headlines/society/20230601STO93804/eu-ai-act-first-regulation-on-artificial-intelligence>.



Platão era contra a escrita?

Nos debates sobre as novas tecnologias, Platão é citado mais do que uma vez. Algumas pessoas parecem ler num dos seus diálogos uma referência a uma afirmação de que a escrita levaria à perda de memória. Mas será que é isso mesmo que Platão escreve?

Pensamentos-chave

» Um diálogo direto oferece mais oportunidades de transmitir compreensão do que a simples leitura de um texto.

» Para avaliar se as palavras ditas ou escritas são verdadeiras ou não, utilize o método platónico: dos universais aos particulares, verificando as implicações práticas, lógicas e éticas.

» Podemos utilizar melhor os textos de sabedoria desta forma: como um meio de permitir que certos conhecimentos adormecidos nasçam dentro de nós e de os ‘escrever nas nossas almas’.

A citação do diálogo *Fedro*, de Platão, em que Sócrates denuncia as limitações da escrita, é utilizada como argumento para rejeitar as objecções às novas tecnologias. “Há mais de dois mil anos, as pessoas também eram contra a escrita, mas isso também não foi o fim do mundo, por isso, porquê temer as novas tecnologias?”, argumentam.

Se ler com atenção os diálogos de Platão – um iniciado nos Mistérios e um dos mensageiros da Theosophia ou sabedoria universal – descobrirá que Platão não era ‘contra a escrita’, mas salientava que se devia ver a escrita como ela é, com as suas limitações – e não fazer dela mais do que aquilo que é. Há lições nos diálogos de Platão que são diretamente aplicáveis à interpretação da tecnologia, quer se trate da escrita ou de uma inovação atual como a inteligência artificial (IA) (ver o artigo sobre ChatGPT nesta edição).

Uma distinção entre o que *parece* e o que *é*

De facto, um tema central na obra de Platão é a distinção entre o que *parece* e o que *é*. Por exemplo, no diálogo

Górgias, Platão compara a retórica ou a argumentação dos sofistas à pastelaria ou à maquilhagem. De facto, o objetivo dos sofistas não é revelar a verdade, mas ter razão. E, para isso, utilizam argumentos que *parecem* fazer sentido, mas que não se baseiam no conhecimento do que realmente *existe*. Tal como o bolo de um pasteleiro *parece* nutritivo por causa de toda a decoração, mas na realidade não o *é*. Ou como uma pessoa que usa maquilhagem faz com que se torne nutritiva. Ou como uma pessoa que usa maquilhagem faz com que pareça mais saudável do que na realidade *é*.

Uma forma de confundir as aparências com a verdade é o que também se designa por ‘antropomorfismo’: quando atribuímos características humanas a algo que não é humano, mas que apenas parece ser humano. A famosa metáfora da caverna de Platão ilustra este facto. As pessoas acorrentadas na caverna confundem as sombras na parede da caverna com pessoas como elas, com o seu próprio carácter, hábitos e expressões. E não estaremos a fazer a mesma coisa com, por exemplo, a IA, à

qual algumas pessoas atribuem a inteligência humana? Se reflectirmos mais profundamente sobre esta questão, rapidamente se torna claro que nos baseamos muito no que aparece, sem necessariamente conhecermos o que é. Daí que Platão faça também uma distinção rigorosa entre *opinião* e *conhecimento*.

Perda de memória devido à escrita

No *Fedro*, o tema da aparência e da realidade também é abordado. Centra-se num diálogo entre Sócrates e Fedro, em que este último relata com entusiasmo um discurso de um certo Lísias sobre o amor. Outro tema do *Fedro* é a capacidade de avaliar se um discurso é verdadeiro ou não. De facto, muitos sofistas tentam convencer as pessoas com base em algo que *parece* verdadeiro mas não *é*. Depois de Sócrates e Fedro terem discutido este assunto, chegam à questão de saber se um discurso *escrito* também pode conter verdade. Sócrates cita então uma história, que introduz da seguinte forma:

“Posso dizer-vos o que ouvi os antigos dizerem, embora só eles saibam a verdade. No entanto, se nós próprios pudéssemos descobrir essa verdade, continuaríamos a preocupar-nos com as opiniões humanas?”⁽¹⁾

Com esta breve introdução, Platão já mostra que, quando se trata de descobrir a verdade, não nos devemos preocupar com as opiniões dos outros. Temos de o fazer de forma independente.

Em seguida, Sócrates conta como o deus Theuth mostrou ao rei egípcio Thamus (nome egípcio: Amon) as suas descobertas, incluindo a aritmética, a astronomia e a escrita. Sócrates continua:

“Conta-se que Thamus disse muito a Theuth, tanto a favor como contra cada arte, que seria demasiado longo repetir. Mas quando chegaram à escrita, Theuth disse: “Ó rei, aqui está algo que, uma vez aprendido, tornará os egípcios mais sábios e melhorará a sua memória; descobri uma poção para a memória e para a sabedoria.” Thamus, no entanto, respondeu: “Ó Theuth mais experiente, um homem pode dar à luz os elementos de uma arte, mas só outro pode julgar como eles podem beneficiar ou prejudicar aqueles que os vão usar. E agora, como és o pai da escrita, a tua afeição por ela fez-te descrever os seus efeitos como sendo o oposto do que realmente são. De facto, ela vai introduzir o esquecimento na alma de quem a aprende: não vai praticar o uso da memória porque vai confiar

na escrita, que é exterior e depende de sinais que pertencem a outros, em vez de tentar lembrar-se por dentro, completamente sozinho. Não descobristes uma poção para recordar, mas para lembrar; dais aos vossos alunos a aparência da sabedoria, não a sua realidade. A vossa invenção permitir-lhes-á ouvir muitas coisas sem serem devidamente ensinadas, e eles imaginarão que passaram a saber muito, quando na maior parte das vezes não saberão nada. E será difícil conviver com eles, uma vez que apenas aparentarão ser sábios em vez de o serem realmente.”⁽²⁾

Depois desta história, Sócrates mostra que está de acordo com Amon (Tamás):

“Pois bem, aqueles que pensam que podem deixar instruções escritas para uma arte, bem como aqueles que as aceitam, pensando que a escrita pode produzir resultados claros ou certos, devem ser bastante ingénuos e verdadeiramente ignorantes do julgamento profético de Amon: caso contrário, como poderiam pensar que as palavras que foram escritas podem fazer mais do que lembrar aqueles que já sabem do que se trata a escrita?

(...)

Sabes, Fedro, a escrita partilha uma característica estranha com a pintura. Os descendentes da pintura estão ali como se estivessem vivos, mas se alguém lhes perguntar alguma coisa, permanecem solenemente silenciosos. O mesmo acontece com as palavras escritas. Dir-se-ia que falam como se compreendessem alguma coisa, mas se questionarmos o que foi dito, porque queremos saber mais, continua a significar exatamente a mesma coisa para sempre. Uma vez escrito, todo o discurso vagueia por todo o lado, atingindo indiscriminadamente tanto os entendidos como aqueles que não têm nada a ver com ele, e não sabe a quem deve falar e a quem não deve. E quando é criticado e atacado injustamente, precisa sempre do apoio do pai; sozinho, não pode defender-se nem apoiar-se a si próprio.”⁽³⁾

Um discurso responsável

Se lermos apenas esta citação, retirada do contexto, parece que Platão, através do seu porta-voz Sócrates, tem uma objecção fundamental à escrita. Mas se lermos o *Fedro* na sua totalidade, o que está em causa não é tanto a escrita, mas *o que e como se fala e escreve*. Ilustremos este facto com algumas citações anteriores do diálogo:

SÓCRATES: “Bem, o método da medicina não é, de certa forma, o mesmo que o método da retórica.”

PHAEDRUS: “Como assim?”

SÓCRATES: “Em ambos os casos precisamos de determinar a natureza de algo – do corpo na medicina, da alma na retórica.

(...)

Achas, então, que é possível chegar a uma compreensão séria da natureza da alma sem compreender a natureza do universo?”⁽⁴⁾

SÓCRATES: “É claro, portanto, que Trásimo e qualquer outro que ensine seriamente a arte da retórica, em primeiro lugar, despreverá a alma com absoluta precisão e permitir-nos-á compreender o que ela é: se é una e homogénea por natureza ou se assume muitas formas, como a forma dos corpos, uma vez que, como dissemos, é isso que consiste em demonstrar a natureza de algo?”

PHAEDRUS: “Sem dúvida.”

SÓCRATES: “Em segundo lugar, ele explicará como, em virtude de sua natureza, ele age e é agido por certas coisas?”

PHAEDRUS: “Claro que sim.”

SÓCRATES: “Em terceiro lugar, ele classificará os tipos de fala e de alma que existem, bem como as várias maneiras pelas quais eles são afetados, e explicará o que causa cada um. Em seguida, ele coordenará cada tipo de alma com o tipo de fala apropriado a ela. E ele dará instruções sobre as razões pelas quais um tipo de alma é necessariamente convencido por um tipo de discurso enquanto outro necessariamente permanece não convencido.”

PHAEDRUS: “Penso que esta seria certamente a melhor forma.”

SÓCRATES: “De facto, meu amigo, nenhum discurso será jamais um produto da arte, quer se trate de um modelo ou de um discurso realmente proferido, se for proferido *ou escrito* [ênfase do autor] de qualquer outra forma – sobre este ou sobre qualquer outro assunto. Mas aqueles que agora escrevem Artes da Retórica – estávamos a falar deles – são pessoas astutas: escondem o facto de saberem muito bem tudo sobre a alma. Pois bem, enquanto não começarem a falar e a escrever desta forma, não nos devemos deixar convencer de que escrevem com base na arte.”⁽⁵⁾

Em suma, Platão descreve que existe uma abordagem para um discurso responsável, seja ele "proferido" (oralmente) ou "escrito". Esta abordagem implica, em primeiro lugar, identificar o que algo é no seu núcleo ou essência, qual é a sua alma. Em seguida, considera-se se actua sobre algo ou se é actuado por outra coisa.⁽⁶⁾ E, em terceiro lugar, aborda o que isso significa na prática, se o quisermos transmitir a

outra pessoa. Por exemplo, pense nos vários interesses que diferentes pessoas têm e com os quais está a tentar relacionar-se.

Esta abordagem alinha-se com o que também é conhecido como método platónico, em que se parte sempre do quadro geral (o que é algo e porque existe?), depois desce-se aos pormenores (como funciona algo e com o que interage, quais são as consequências?) e, finalmente, determina-se o seu significado prático (o que significa para alguém num determinado contexto e quais são as consequências éticas?) É a maneira de chegar à verdade apesar das muitas opiniões.⁽⁷⁾

Escrever na alma

Por que razão, então, Platão fala da escrita como um mero dispositivo mnemónico? Isso tem sem dúvida a ver com a distinção que Platão faz entre *opinião* e *conhecimento*, entre a memorização de factos, das coisas exteriores, tal como se nos apresentam, por um lado, e a verdadeira visão ou compreensão das coisas, tal como elas são essencialmente, qual é a sua alma, por outro. De facto, a verdadeira sabedoria vem do interior. Não podemos compreender nada de essencial que não esteja já presente algures dentro de nós. É por isso que Platão escreve que a aprendizagem é equivalente à recordação.⁽⁸⁾ A sabedoria está latente na alma e só precisa de ser despertada. E, por isso, Sócrates descreve-se apenas como um parteiro da alma.⁽⁹⁾ Ele apenas permite que nasça o que já está presente no seu interior. Invocar a sabedoria interior do outro pode ser conseguido através de textos escritos, mas é mais fácil oralmente, porque o professor – com o conhecimento certo – pode então ajustar o seu discurso à alma de um ou mais alunos. Como Sócrates continua no *Fedro*, quando diz ‘outro género de discurso’, refere-se à transmissão oral do pensamento:

SÓCRATES: “Agora diz-me, podemos discernir outro tipo de discurso, um irmão legítimo deste? Podemos dizer como ele surge, e como é por natureza melhor e mais capaz?”

PHAEDRUS: “Qual deles é esse? Como é que achas que isso acontece?”

SÓCRATES: “É um discurso que está escrito, com conhecimento, na alma do ouvinte; ele pode defender-se, e sabe para quem deve falar e para quem deve calar-se.”

PHAEDRUS: “Referes-te ao discurso vivo, que respira, do homem que sabe, do qual o escrito pode ser justamente chamado uma imagem.”

SÓCRATES: “Sem dúvida.”⁽¹⁰⁾

Este discurso é assim ‘escrito na alma do ouvinte’. E, de facto, é o próprio ouvinte que escreve, que grava as ideias na sua alma (literalmente, a origem da palavra carácter). Porque esse discurso despertou o nosso entendimento, ele ‘pode defender-se a si próprio’ – pois com esse entendimento podemos explicá-lo a nós próprios e aos outros de diferentes formas.

É por isso que Platão escreve diálogos, onde vemos como Sócrates sintoniza as suas mensagens com os seus parceiros de diálogo, servindo almas diferentes (e, portanto, as dos leitores). Mas Platão admite que a escrita tem as suas limitações e que nunca escreveu as coisas verdadeiramente místicas, nem sequer as pôde escrever:

“Pelo menos uma coisa posso afirmar com confiança sobre todos os que escreveram ou se propõem escrever sobre estas questões, pretendendo ter um conhecimento dos problemas que me preocupam, quer afirmem ter aprendido comigo ou com outros, quer tenham feito as suas descobertas por si próprios: é impossível, na minha opinião, que possam ter aprendido seja o que for sobre o assunto. Não existe, nem nunca existirá, nenhum escrito meu sobre estes assuntos. Pois este conhecimento não é algo que possa ser colocado em palavras como outras ciências; mas depois de uma longa relação entre professor e aluno, na busca conjunta do assunto, de repente, como a luz que brilha quando um fogo é aceso, ele nasce na alma e imediatamente se alimenta.”⁽¹¹⁾

O ensino de Platão na sua Academia foi, portanto, para além do que escreveu nos seus diálogos.⁽¹²⁾

SÓCRATES: “Por outro lado, toma um homem que pensa que um discurso escrito sobre qualquer assunto só pode ser um grande divertimento, que nenhum discurso digno de atenção séria foi alguma vez escrito em verso ou prosa, e que aqueles que são recitados em público sem questionamento e explicação, à maneira dos rapsodos, são dados apenas para produzir convicção. Considera que, na melhor das hipóteses, só podem servir de lembretes para aqueles que já sabem. E pensa também que só o que é dito em nome da compreensão e da aprendizagem, o que está verdadeiramente escrito na alma sobre o que é justo, nobre e bom, pode ser claro, perfeito e digno de uma atenção séria: tais discursos devem ser chamados os seus próprios filhos legítimos, primeiro o discurso que ele pode ter descoberto já dentro de si próprio e depois os seus filhos e irmãos que podem ter crescido naturalmente noutras almas, na medida

em que estes são dignos; ao resto, ele vira as costas. Um homem assim, Fedro, seria exatamente o que tu e eu reza- ríamos para ser.”⁽¹³⁾

O filho mais velho representa, portanto, o conhecimento ou a sabedoria mais íntima do leitor ‘já descoberta em si mesmo’, que o discurso apenas recorda ao leitor. Em suma, quando se estudam os textos de Platão (ou de qualquer outro Sábio) de acordo com as suas próprias instruções, não se está apenas a ler o texto escrito, mas a formar uma imagem das ideias que lhe estão subjacentes. Utiliza-se então o texto de Platão da melhor maneira possível, embora seja e continue a ser um meio limitado: como um método para permitir que certas ideias adormecidas nasçam dentro de si. Esperamos que este artigo o ajude a *recordar* mais.

Referências

1. Platão, *Fedro*, 274c (paginação universal de Platão).
2. Idem, 274e-275a.
3. Idem, 275c.
4. Idem, 270b.
5. Idem, 271a-271c.
6. Isto é análogo à definição de vida de Platão, ver também o artigo sobre ChatGPT nesta edição e *Phaedrus* 245c-e, *Sophist* 247e, *Leis* 894c-896d.
7. Mais sobre este método no artigo ‘Como encontrar a verdade?’ na nossa edição do simpósio *Lucifer, the Lightbringer* número 4, dezembro de 2022, p. 121. Fonte: https://blavatskyhouse.org/uploads/files/Lucifer_EN/lucifer-en-2022-4.pdf.
8. Platão, *Menon*, 81d.
9. Platão, *Theaetetus*, 150.
10. Platão, *Fedro*, 276a.
11. Platão, *Sétima Carta*, 341c.
12. Também conhecida como sua ‘doutrina não escrita’, à qual Blavatsky se refere em *Ísis Sem Véu* (Vol. I, p. ix - xxi).
13. Platão, *Fedro*, 277e.

As vantagens da cremação



Cremação hindu.

Pensamentos-chave

- » É preferível cremar os cadáveres do que enterrá-los, porque é mais higiénico e acelera o processo de morrer.
- » Com a cremação, trabalha-se com a Natureza. Os átomos de vida que compunham o seu corpo são devolvidos à sua liberdade.
- » Quando renascemos, voltamos a atrair os átomos de vida com quem trabalhámos na nossa vida anterior.

Atualmente, a cremação é tão comum em muitos países ocidentais como enterrar os corpos das pessoas mortas. No entanto, ocasionalmente, recebemos várias perguntas sobre a cremação, tais como: a cremação afecta a visão panorâmica da pessoa que está morrendo? Ou ainda: é sensato espalhar as cinzas no mar em relação a uma encarnação posterior? Tentamos responder a este tipo de perguntas neste artigo.

No século XXI, a cremação tornou-se uma das formas mais comuns de tratar os restos mortais de um ser humano num número cada vez maior de países, mas esquecemo-nos de que, ainda não há muito tempo, a cremação nos países ocidentais era não só invulgar como até proibida. Uma das primeiras atividades da Sociedade Teosófica (S.T.) nos Estados Unidos foi organizar a primeira cremação de um cadáver, a do Barão de Palm, que, depois de muito esforço, ocorreu em 6 de dezembro de 1876. O Barão de Palm tinha morrido no início desse ano, a 20 de maio, e o Presidente da Sociedade Teosófica, Henri Steel Olcott, teve de fazer um grande esforço, a pedido expresso do Barão de Palm, para queimar finalmente os seus restos mortais.⁽¹⁾ Noutros países, a oposição à cremação não era menos forte. Por vezes, era simplesmente proibido queimar cadáveres. Nos Países Baixos, a primeira cremação teve lugar a 1 de abril de 1914. Na Grécia, a proibição da cremação só foi levantada em 2008.

Ressurreição dos mortos

Foram sobretudo as igrejas cristãs que se pronunciaram fortemente contra a cremação. Por decreto papal de 1886, a Igreja Católica Romana proibiu expressamente a cremação. Esta proibição foi reforçada por outro decreto em 1892, associando a excomunhão a este ‘pecado’. Este decreto só foi revogado em 1963. Outras igrejas cristãs também sempre se opuseram à cremação. Ainda em 2019, a Igreja Ortodoxa Grega anunciou, através de uma brochura, que os crentes não precisam de contar com um funeral da igreja quando os corpos são cremados após a morte. Entre os muçulmanos e os judeus, a cremação nem sequer é uma opção. Os corpos de todos os falecidos são enterrados. De onde vem esta aversão à cremação? Porque é que não se encontra entre os adeptos de religiões não monoteístas? A resposta a esta pergunta está no dogma da ressurreição dos mortos. Este dogma significa que, no fim dos

tempos, os mortos ressuscitarão dos seus túmulos e que Deus julgará as acções de cada um no 'dia do juízo'. Se o corpo for consumido pelo fogo, esta ressurreição não poderá ter lugar e o homem será destruído.

Curiosamente, nenhum dos livros sagrados destas três religiões menciona muito sobre esta ressurreição geral. A doutrina está rodeada de muitas perguntas sem resposta e ambiguidades. No entanto, o dogma era tão forte que havia uma prescrição rigorosa para enterrar os cadáveres, pois só se fossem enterrados é que poderiam ressuscitar do túmulo.

Com razão, esta doutrina, desprovida de qualquer lógica, já não é acreditada pelo homem atual, se é que o é de todo. Toda a gente sabe que, de um corpo enterrado na terra durante vários anos, apenas restam os ossos, que o tempo também desintegrará completamente. Apegar-se a este ensinamento, como a Igreja Ortodoxa em particular ainda o faz fortemente, é continuar a concentrar-se no elemento menos importante de toda a constituição humana: o corpo. É uma degeneração triste e extremamente materialista de um ensinamento original dos Mistérios.

De facto, o pano de fundo da conceção da ressurreição dos mortos tem a sua origem numa doutrina muito mística, segundo a qual os átomos de vida que compõem o nosso veículo seguem o seu caminho após a morte física, mas são novamente atraídos pela consciência humana num novo nascimento e formam assim o novo corpo do ser humano reencarnante. Um novo corpo é assim composto pelos átomos de vida do corpo anterior. Neste sentido metafórico, é 'ressuscitado dos mortos'.⁽²⁾ Mais sobre isso adiante.

O homem e o seu corpo

Em todas as civilizações do passado distante, os corpos dos mortos eram cremados. De acordo com H.P. Blavatsky, a



Cremação hindu em Varanasi.

cremação era a regra até 80.000 ou 100.000 anos atrás.⁽³⁾ Mas mesmo muito mais recentemente, até há cerca de 2.000 anos, quase todos os povos da Europa cremavam os seus mortos, como os Celtas, os Saxões e os Romanos. Só depois da conversão destes últimos à fé cristã é que este costume desapareceu. O facto de os povos mais civilizados cremarem os seus mortos contribuiu, sem dúvida, para o facto de não termos encontrado fósseis de corpos humanos de civilizações exaltadas deste passado longínquo.

Essa exaltação teve em parte a ver com a visão que as pessoas tinham do homem naqueles tempos longínquos. É claro que, nos milhões de anos que a humanidade tem estado na Terra, houve muitas civilizações diferentes. Houve também épocas em que, ainda mais do que hoje, o homem se identificava com o mundo material. Nos tempos mais iluminados, porém, o homem era visto como um ser espiritual, que para a sua peregrinação na Terra se munuiu de um veículo, um corpo. Esta doutrina era ensinada pelas antigas Escolas de Mistérios de toda a Terra.

Foi devido a uma interpretação materialista dos ensinamentos originais dos Mistérios que o exterior e o corpo se tornaram cada vez mais importantes, levando ao uso de enterrar cadáveres. Naqueles tempos antigos, porém, como acontece na maioria dos países orientais, o corpo era considerado apenas a casca de um ser complexo: o homem. Não só o homem é composto por espírito, alma e corpo (em que as pessoas atualmente não vêem qualquer diferença entre espírito e alma), como cada uma destas três partes essenciais da consciência humana pode ser subdividida novamente.

O espírito do homem é a parte permanente. É, metaforicamente falando, uma centelha de fogo eterno: uma centelha de eternidade. A alma é a parte que se desenvolve a partir do espírito. É a parte de aprendizado da totalidade da consciência. No caso do homem, a alma é a consciência *pensante*. A alma também é composta; há uma parte superior, que naturalmente se concentra no lado do espírito; e há uma parte inferior que se identifica com o lado da matéria da natureza. A parte superior da alma elevar-se-á cada vez mais acima da temporalidade da existência externa; a parte inferior, constituída pelos pensamentos, desejos e emoções pessoais, mergulha na ilusão da existência temporal. Ela não tem permanência e, como o corpo, desintegrar-se-á no processo da morte.

Por fim, temos o corpo que, aliás, é mais do que aquilo que podemos perceber com os nossos sentidos. Para além da carne e dos ossos, é constituído por um corpo astral e está cheio de energias vitais.

O corpo astral é justamente chamado de corpo modelo, porque é o modelo do corpo material. Ao nascer, a consciência humana, regressando do período de repouso, desenvolve primeiro o corpo-modelo. Esse é o molde para o qual o corpo físico, célula por célula, sim, átomo por átomo, é formado.

Benefícios da cremação

Tivemos de nos deter por um momento na consciência composta do homem, porque assim podemos também descrever brevemente o processo de morrer. Quando morremos, a nossa consciência retira-se dos nossos invólucros temporários e mortais. Primeiro deixamos o nosso corpo físico, depois o nosso corpo modelo e, finalmente, o nosso corpo de desejo, composto por todos os nossos desejos da vida passada. Assim acontece na sequência do ‘mais material’ para o ‘mais etérico’. Ao compreendermos como isso acontece, podemos construir uma imagem dos efeitos da cremação. E, a partir daí, podemos ver que a cremação oferece sempre mais benefícios do que o enterro.

Em primeiro lugar, a cremação é mais higiénica do que o enterro. Tal como os frutos ou a carne em decomposição, um cadáver excreta todo o tipo de substâncias nocivas que não são saudáveis para os vivos. A cremação evita que isso aconteça.

Além disso, a cremação faz com que não apenas o corpo físico, mas também o corpo astral se desintegre mais rapidamente. Existe uma relação muito estreita entre os dois corpos, que não deixa de existir com a morte do corpo físico. Na mesma medida em que o corpo físico se decompõe, o corpo modelo também se desintegra. Apenas os ossos físicos permanecem mais tempo.

Agora, quando o corpo físico jaz no solo, ele se decompõe lentamente. Está sujeito a um processo de oxidação, que é de facto uma forma lenta de combustão. O corpo modelo fica então a flutuar à volta do corpo e vai-se desintegrando tão lentamente como o corpo físico. Algumas pessoas sensíveis podem aperceber-se de ‘fantasmas’ numa casa onde alguém morreu ou num cemitério. Elas percebem a forma de nuvem do corpo-modelo.

Neste ponto, também deves considerar o seguinte. A parte inferior da alma, como mencionado acima, é mortal. Após a morte do corpo, os pensamentos, desejos e sentimentos inferiores formam um veículo temporário: o corpo de desejo. Este está localizado numa parte do mundo astral, a que chamamos *kama-loka*, ou mundo dos desejos. Trata-se de uma esfera impregnada de todos os tipos de desejos terrenos. Qualquer pessoa que tenha algum conhecimento

dos desejos humanos, tal como eles são atualmente, compreende que esta não é uma esfera de boa vida.

O corpo de desejo demora algum tempo a decompor-se. A duração depende da intensidade e do número de desejos que o homem alimentou durante a sua vida na Terra. Quanto mais fortes forem esses desejos, mais tempo demoram a dissolver-se. É lógico, porque se colocou mais energia neles.

Agora, se o corpo e o corpo astral ainda não estão dissolvidos, então o corpo de desejo será atraído psico-magneticamente para eles. Se o homem ainda não morreu a ‘segunda morte’ – ou seja, se ainda não foram realizados todos os desejos – então o corpo físico pode exercer alguma influência sobre a consciência do homem que deixou seu corpo. Isso depende muito do carácter de cada um. As pessoas espirituais dificilmente serão afectadas por ele, se é que o serão, mas em pessoas com desejos e inclinações orientados para a Terra, pode certamente ter algum efeito. Se o corpo tiver sido cremado e o corpo astral também se tiver desintegrado nas suas partes constituintes, isso também tem um efeito benéfico no processo de decomposição do corpo de desejo.⁽⁴⁾

Explicação de alguns mal-entendidos

Por vezes, sugere-se que a parte da alma do homem sofre quando o corpo é queimado. No entanto, isso é impossível. O fogo físico só pode afetar a matéria deste reino material. Não tem qualquer influência no reino onde se encontra a alma do homem. A morte ocorre porque a consciência se retira deste domínio material. Assim, quando se constata que o homem morreu, a consciência humana retirou-se e não pode sentir nada do que está a acontecer ao corpo.

No entanto, nem sempre é fácil determinar quando é que a morte se instalou completamente. Mesmo que o coração tenha deixado de bater, pode ainda haver atividade cerebral. Por isso, é aconselhável cremar o corpo apenas após cerca de 36 horas. Isto deve-se, em parte, ao facto de, imediatamente antes e depois do último batimento do coração, existir a chamada visão panorâmica. Isto significa que a pessoa que está morrendo vê todos os acontecimentos da sua vida e todos os pensamentos que teve a passar pelos olhos da sua mente como numa procissão. Ele colhe as preciosas lições espirituais da vida passada e experimenta a justiça absoluta de tudo. Mas este processo demora várias horas, no máximo. A cremação do corpo após 36 horas não tem, portanto, qualquer influência sobre ele.

Outra ambiguidade tem a ver com as cinzas e os ossos



Crematório no cemitério de Zorgvlied, em Amesterdão.

esmagados do corpo morto. Tal como referido na introdução, supõe-se que o facto de se espalharem as cinzas no mar tem um possível efeito adverso na construção do corpo numa nova encarnação.

A esta pergunta, que tem tudo a ver com as deambulações dos átomos de vida, pode ser dada uma resposta muito completa. Com efeito, não são tanto as células, as moléculas e os átomos físicos que constroem o nosso corpo, mas as forças conscientes que estão por detrás deles. Essas forças, as consciências dos seres primitivos, chamam-se átomos de vida.

Os átomos de vida são blocos de construção vivos. São a força animadora ou vital por detrás ou dentro de cada partícula física. Um átomo de vida não é o átomo físico. Este é apenas o seu veículo. Portanto, não são os átomos de vida que desaparecem no fundo do mar quando as cinzas de um corpo falecido são espalhadas no mar. Esse átomo de vida é livre com a morte física. Segue os seus próprios impulsos interiores. Faz uma viagem através de diferentes reinos da natureza, correspondendo ao seu próprio carácter. Só quando a consciência humana descansada se prepara para reencarnar é que o átomo de vida é atraído psicologicamente para a esfera que o humano manifestante emana de si próprio. Assim, o processo de cooperação entre a consciência humana e os trilhões de átomos de vida pode continuar novamente.

O verdadeiro ser humano

É claro que, após a morte, o corpo material deve ser tratado com a devida reverência. Ele serviu de veículo à alma do homem. Mas não é necessário um excesso de atenção, que pode mesmo entravar a alma que se retira. É preferível uma cerimónia simples, sem demasiada emoção.

Nos círculos hindus, há frequentemente rituais elaborados e complicados que precedem a cremação, que se supõe serem necessários para o descanso da alma. Também vemos isto noutras tradições religiosas. Se é que provocam alguma coisa, é antes a *agitação da alma*, porque o próprio veículo recebe toda a atenção que ameaça atrair a alma para a terra em vez de a despedir.

Nalgumas partes do Tibete, onde a lenha é escassa, as pessoas deitam os cadáveres nas rochas como alimento para os urubus. Na nossa percepção ocidental, isto pode parecer bárbaro, mas é uma forma eficaz de limpar o veículo e separar a alma do reino terreno.

O facto de a cremação estar a tornar-se mais comum nos países ocidentais é um facto favorável. Talvez seja um sinal de que o grande valor dado ao corpo ao longo de muitos séculos está começando a desmoronar-se, dando lugar, espera-se, a uma maior concentração no verdadeiro ser humano: aquela parte em nós que sobrevive à morte.

Referências

1. Michael Gomes, *The Dawning of the Theosophical Movement [O Alvorecer do Movimento Teosófico]*. Wheaton, Theosophical Publishing House, Quest Book, 1987, p. 99 e seguintes.
2. G. de Purucker, *Fundamentals of the Esoteric Philosophy*, Covina, Califórnia, Theosophical University Press, 1932, p. 479, publicação original (2ª impressão da 1ª edição). Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/fundamentals-of-the-esoteric-philosophy/>. Tradução portuguesa: *Fundamentos da Filosofia Esotérica*, Editora Teosófica Brasil – Blavatskyhouse, Haia, Holanda, p. 479.
3. H.P. Blavatsky, *A Doutrina Secreta. Volume II*. Pasadena, Califórnia, Theosophical University Press, 1988, p. 856 (p. 753, paginação original em inglês).
4. Para mais informações sobre o processo de morrer e especialmente a sua primeira fase, ver: Gottfried de Purucker, *Esoteric Teachings [Ensinamentos Esotéricos]. Volume 11. Death and the Circulations of the Cosmos*. Haia, I.S.I.S. Foundation, 2015, p. 45 e seguintes (edição Point Loma Publications, 1987, p. 24 e seguintes).



Numa colónia de abelhas, a divisão do trabalho é muito apertada. Uma abelha operária não tem continuamente a mesma tarefa. Pelo contrário, cada abelha operária passa por várias fases da vida em que executa tarefas cada vez mais difíceis para a colónia.

A pessoa certa no sítio certo

O número de Dezembro de 2023 de *Lúcifer* contém o artigo intitulado ‘Como encontrar o seu trabalho?’⁽¹⁾ Vamos agora trabalhar o quadro teosófico aí delineado, concentrando-nos na questão prática: como é que asseguramos que a pessoa certa é empregada no lugar certo dentro do todo? Descobriremos que podemos chegar a soluções eficazes, que podem significar muito para as pessoas envolvidas e que, no entanto, ainda são muito raramente aplicadas na nossa sociedade.

Pensamentos-chave

» Porque seguimos um caminho único de evolução nas nossas vidas passadas, o nosso carácter evoluído é único. Cada pessoa contribui de uma forma diferente e característica para o todo.

» Quando nos apercebermos da unidade fundamental de toda a vida, veremos a questão ‘quem é a pessoa certa no sítio certo’ de uma forma totalmente diferente. Isto reflecte-se em muitas situações diferentes.

Na nossa sociedade, muitas pessoas trabalham em lugares para os quais não estão de todo vocacionadas, ou nos quais lhes são dadas poucas oportunidades de utilizar e desenvolver os seus talentos. As consequências são geralmente graves. Se as pessoas têm tarefas que não são adequadas para elas, por exemplo, porque estão para além das suas capacidades, isso pode levar a um stress prolongado e exaustivo. E se alguém tem uma tarefa que está abaixo do seu nível, isso será pouco inspirador para essa pessoa e um grande desperdício para a sociedade em geral.

Como é que isto acontece? E o que podemos fazer para o evitar?

Quando é que uma sociedade é um todo harmónico e dinamicamente crescente?

Antes de aprofundar estas questões, recordemos alguns dos pensamentos essenciais do artigo ‘Como encontrar o seu trabalho?’ Este artigo explica

que cada ser humano está enraizado no Núcleo espiritual do Universo e, por isso, transporta capacidades cósmicas dentro de si. Existe uma Unidade espiritual subjacente da qual somos partes. Somos – mesmo que ainda só parcialmente nos apercebamos disso – deuses em formação. A nossa verdadeira Obra como seres humanos é aprender a harmonizar o nosso pensamento ou, por outras palavras, expressar a nossa consciência de unidade, a nossa compreensão da Vida e o nosso pensamento razoável em cada um dos nossos pensamentos. A nossa verdadeira Obra é ‘arar, semear e colher’ *no plano mental*. Esta é essencialmente a função que nós, como humanidade, temos de desempenhar no nosso Planeta. Claro que também devemos agir. Temos de fazer as coisas, mas o impacto e a influência do que fazemos ou deixamos de fazer é determinado pelo grau em que já conseguimos pensar harmoniosamente.

Outro pensamento essencial neste artigo é: o teu Trabalho é a tua *contribuição única* para o todo, para essa Vida que tudo abrange. Isto inclui todos os tipos de contribuições que possa fazer, quer sejam pagas ou não, e quer sejam formalmente vistas como trabalho ou não. Uma sociedade está em harmonia e funciona como uma unidade *quando todos nós acrescentamos a nossa qualidade única ao todo*. É nosso *dharma*, dever ou responsabilidade como seres humanos apoiar cada comunidade da qual fazemos parte. Naturalmente, fá-lo-emos a partir das nossas capacidades actuais e do nosso carácter único, que nós próprios construímos em inúmeras encarnações anteriores.

Além disso, a nossa posição atual na sociedade não é acidental. Nesta encarnação, encontramos-nos nessa comunidade, no meio dessas pessoas, pelas quais desenvolvemos uma atração nas nossas vidas anteriores. Pertencemos a essa comunidade; é aqui que reside o nosso *dharma*.

Há uma série de considerações que podem ajudá-lo a encontrar o trabalho adequado para si. A tarefa satisfaz uma *necessidade real*? O trabalho é-lhe *caro*? A sua *motivação* é altruísta, construtiva? Estes são alguns dos pontos-chave teosóficos do artigo ‘Como encontrar o seu trabalho?’ Vamos agora desenvolvê-los.

O lugar que nos cabe na sociedade, as nossas tarefas, não são um ‘dado adquirido’. Pelo contrário: somos seres em aprendizagem, em crescimento, e por isso o que constitui o nosso trabalho está em constante evolução conosco – mesmo numa só encarnação. Assim, tudo o que vos vamos dizer deve ser sempre imaginado como um processo *dinâmico*.

Porque é que a contribuição de cada um é única?

Todos nós, em inúmeras encarnações passadas, fomos capazes de fazer emergir alguns dos nossos potenciais ilimitados. Fizemo-lo de uma forma única, através das escolhas de vida que fizemos de livre arbitrio: através dos tipos de acções que tomámos deliberadamente e dos hábitos que construímos. De facto, estamos continuamente a mudar o nosso carácter, a nossa forma de pensar, através das nossas escolhas. Assim, o nosso carácter está constantemente se desenvolvendo, evoluindo, embora haja sempre uma característica individual fundamental a trabalhar por detrás dele (o nosso *Swabhāva*).⁽²⁾

Assim, cada um desenvolveu certas faculdades específicas: pode ser uma visão técnica, um sentido da linguagem, etc. Podemos utilizá-las em benefício dos outros. É claro que devemos continuar a alargar as nossas faculdades, a torná-las mais universais, e também a desenvolver novas faculdades,

mas o nosso lugar atual dependerá das nossas faculdades já desenvolvidas. Em suma: cada ser humano tem algo a oferecer ao todo e isso é sempre diferente da contribuição de outro. O seu lugar no todo deve refletir isso mesmo.

Por isso, todos os tipos de tarefas numa sociedade têm de ser asseguradas por pessoal. Nós, seres humanos, compensamo-nos uns aos outros, complementamo-nos uns aos outros. Mesmo que vivêssemos todos no campo e tivéssemos todos uma quinta, continuaríamos a ajudar-nos mutuamente. Afinal de contas, uma pessoa sabe como construir o melhor celeiro, outra como lidar melhor com as doenças das culturas e uma terceira como criar parcerias agrícolas valiosas. E, de facto, o trabalho bem sucedido dos outros mostra-nos o que ainda está à espera em nós como potencial, para ser desenvolvido também.

Na nossa sociedade atual, o trabalho formal está normalmente associado a um determinado salário. Quanto mais elevada for a posição social formal, mais dinheiro se recebe. Em termos teosóficos, cada contribuição é essencial e, portanto, não vale mais do que a outra. Se nos apercebêssemos disso, exprimiríamos essa igualdade na forma como organizamos financeiramente a nossa sociedade.

Porque é que muitas pessoas não estão no seu lugar ‘certo’?

A atual divisão do trabalho é, em muitos casos, desarmoniosa. Esta situação é, de um modo geral, causada pelo egoísmo e pela ignorância sobre a natureza e o objetivo da vida. As ideias teosóficas sobre a natureza do homem e a estrutura *interna* da sociedade ainda não são comuns e, portanto, ainda são raramente postas em prática. Neste ponto, ainda há um mundo a ser conquistado. E todos nós podemos facilmente resumir uma longa lista de causas pelas quais as pessoas acabam no lugar errado: ambições pessoais (em relação ao estatuto ou ao dinheiro), gostos e desgostos pessoais entre o gestor e o empregado, preconceitos em relação a certos grupos de pessoas, atitudes sociais sobre quem deve fazer o quê, a tendência para se manter num emprego, etc. De facto, são todas manifestações do mesmo tipo de pensamento, ou seja, colocar o seu ‘eu’ no centro e não aquilo de que a sua comunidade precisa: a comunidade de que é parte inseparável. Não se vêem a si próprios e aos outros como seres com raízes espirituais, como membros perfeitamente iguais de *uma* Humanidade.

E porque é que muitas pessoas estão tão concentradas naquilo que consideram ser os seus interesses pessoais mais elevados? Porque acreditam que as suas vidas estão separadas das vidas e destinos de todos os outros. Enquanto na

prática, vemos continuamente que os destinos de *todas* as pessoas estão intensamente interligados. De facto, tão intimamente interligados que podemos falar de um único destino, para toda a humanidade.

Por conseguinte, as nossas preocupações não devem girar apenas em torno dos nossos objectivos externos, mas sobretudo em torno do objetivo de assegurar que *todas* as pessoas possam desenvolver-se harmoniosamente.

Apelar à bagagem espiritual de cada um

O que é que significa ‘evoluir harmoniosamente’? Todo o ser humano já acumulou uma certa ‘bagagem espiritual’ durante as suas encarnações. Cada ser humano desenvolveu alguns ideais nobres, embora limitados. Esta devoção ‘acima de si próprio’ a um objetivo superior pode estar, em algumas pessoas, profundamente escondida, mas está sempre presente. Por isso, pode sempre ser reavivada.⁽³⁾ E muitas vezes isto pode ser feito de uma forma muito prática, dando a alguém confiança em tarefas responsáveis. Por exemplo, fazendo com que alguém experimente a alegria de um bom trabalho artesanal, ou a devoção de fazer música em conjunto. Ou estimulando alguém a descobrir e utilizar outros domínios do conhecimento, ou a ajudar e aconselhar outras pessoas. Assim, o desafio é encontrar as aspirações específicas de cada pessoa, a sua bagagem espiritual, e ajudá-la a não cair nas armadilhas em que possa ter caído no passado. Depois disso, essas pessoas começarão a experimentar uma ligação com a sua própria natureza superior e a enriquecer a sua bagagem, utilizando-a, implementando-a.

Na prática, como é que isso se faz: a pessoa certa no lugar certo?

Conseguir colocar a pessoa certa no lugar certo é possível se partirmos do princípio de que cada pessoa pode dar um contributo igual e único e, por isso, deve ser-lhe dada a

O desempenho dos deveres da vocação específica de um homem,
Embora desprovido de excelência,
É melhor do que cumprir o dever de outrem, por muito bem cumprido que seja;
E aquele que cumpre os deveres que a natureza lhe impõe,
Não incorre em pecado.

Bhagavad-Gītā, capítulo 18, verso 47.
Na tradução de W.Q. Judge.⁽⁴⁾

oportunidade na sociedade de o realizar. É bem sucedido se partirmos da ideia de unidade.

A nossa satisfação profissional tornar-se-á muito mais profunda se resultar do cumprimento de uma função valiosa na sociedade. Para dar um exemplo: há alguns anos, alguns funcionários de uma companhia de caminhos-de-ferro entraram em greve porque não queriam fazer sempre o mesmo percurso. Chamavam a isso ‘dar a volta à igreja’. Também se pode obter satisfação profissional transportando as pessoas da melhor forma possível. No primeiro caso, trata-se das suas próprias preferências; no segundo, trata-se do objetivo original do seu trabalho.

Abaixo estão algumas perguntas sobre situações concretas. Elas têm o objetivo de dar alguns pontos de partida, através dos quais você pode verificar por si mesmo quais são as consequências concretas dos princípios teosóficos nessas situações. Muitas outras situações podem, naturalmente, ser acrescentadas às mencionadas.

Para evitar qualquer mal-entendido: embora as perguntas que se seguem estejam formuladas em termos de trabalho remunerado (falando de candidatos e afins), aplicam-se a *todos* os tipos de contribuições – remuneradas e não remuneradas – embora, evidentemente, em cada situação o processo possa assumir uma forma exterior diferente. Além disso, quando falamos de ele, referimo-nos a ele *ou* ela – como sempre fazemos nos nossos artigos em *Lúcifer*.

Algumas situações concretas

- Você faz parte de uma equipa. Um candidato tem qualidades tais que gostaria de o ter na sua equipa. Ou, um exemplo comparável: um dos empregados de outra parte da sua organização tem essas qualidades procuradas. Ele poderia ir para o seu departamento. Mas... a sua visão mais profunda desta pessoa e da nossa sociedade como um todo, diz-lhe que ele poderia significar muito mais para a humanidade *fora da* sua organização. Apontar-lhe-ia isso, por exemplo, colocando-lhe essa questão? Incentivá-lo-ia a dar esse passo?
- Atualmente, tem uma tarefa específica na organização. Vê, com a sua visão factual e impessoal, que outra pessoa poderia fazer o seu trabalho melhor do que você e que é possível uma mudança de tarefas que beneficiaria toda a organização. O que é que faria?
- É habitual na sua organização que os estagiários e os trabalhadores de nível inicial adquiram primeiro experiência em áreas que envolvem menos responsabilidade. É sempre atribuído um determinado número

de anos para o efeito. Agora, suponha que uma nova pessoa aprende relativamente muito depressa, compreende e domina as coisas rapidamente... abre uma exceção? Deixa-se que essa pessoa passe mais rapidamente por todas as etapas preparatórias? Pergunta-lhe, por exemplo, desde uma fase inicial, a sua opinião sobre problemas relevantes? Tem curiosidade em saber a sua opinião sobre a política da organização? Em suma, adapta a formação ao seu carácter e qualidades interiores – qualidades que ele já desenvolveu fortemente em vidas anteriores?

- Os indivíduos criativos e empreendedores criam por vezes os seus próprios empregos. Olham à sua volta para ver como tudo funciona e constatarem ‘que ainda falta uma peça importante na máquina’. Estão dispostos a tornar-se eles próprios nessa engrenagem. Permitiria que isso acontecesse, apesar de essa função não constar da lista formal de descrições de funções e escalas salariais? Incentivá-lo-ia mesmo?
- Existe uma emergência a ser ultrapassada pelo seu grupo. Alguns membros da equipa demonstram, sob grande stress, capacidades insuspeitas. Por exemplo, há membros da equipa que provam que conseguem pensar com clareza e dar aos outros coragem e uma orientação bem aconselhada. Agora, quando a emergência terminar e todos retomarem as suas tarefas normais... continuaria simplesmente a divisão do trabalho como sempre? Ou mudaria alguma coisa?
- Um recém-chegado é uma boa promessa. Ele mostra-se adequado. Mas alguns clientes podem ter problemas com a sua aparência, a cor da sua pele, a sua religião ou a sua maneira de falar. Mas sabe que alguns não o farão. Continua a dar a essa pessoa as tarefas que se adequam aos seus ideais e carácter?
- Tem um bom emprego, com bons colegas e um bom salário. Mas se o produto ou serviço que fornece fosse descontinuado, o mundo dificilmente sentiria a sua falta. Não é necessário. Leu nos jornais que em algum sector essencial há falta de pessoal e, consequentemente, uma grande pressão laboral. Está disposto a deixar o seu emprego e a fazer uma nova formação?
- Na sua organização ou profissão, a maioria das pessoas trabalha a tempo inteiro. É o que tradicionalmente se espera. Descobre que pode fazer a diferença com um trabalho de voluntariado importante. Discutiria com os seus superiores o facto de querer trabalhar a tempo parcial, para ter mais tempo para o fazer?

Soluções originais...

Se fizermos o nosso *Trabalho* no mundo com maior perspicácia, descobriremos que podemos resolver todo o tipo de problemas práticos de forma original. Originais porque fora dos costumes dominantes. Poderíamos encorajar melhor os nossos semelhantes a encontrarem o seu lugar próprio: onde são úteis, onde fazem algo que lhes é caro. Agindo assim, lançamos as sementes de uma sociedade mais sábia. E onde é que isso começa, a não ser no nosso próprio círculo?

Referências

1. Edwin Bomas, ‘Como encontrar o seu trabalho?’. Artigo em: *Lúcifer – o portador da Luz*, número 3, setembro de 2023, p. 90-94.
 2. G. de Purucker explicou o conceito teosófico de swabháva em vários sítios. Encontramo-lo de forma muito sucinta no seu *Occult Glossary*. Londres, Rider Co., 1933 (1ª edição). Fonte: <https://blavatskyhouse.org/literature/gottfried-de-purucker/occult-glossary/>. Uma explicação muito mais abrangente e aprofundada é dada por ele em: *Esoteric Teachings (Ensinaamentos Esotéricos). Volume 5. Hierarquias e a doutrina das emanções*. Haia, I.S.I.S. Foundation, 2015, p. 76-111, e em *Fundamentos da Filosofia Esotérica*, Projeto Pioneiro Brasil em cooperação com Blavatskyhouse, Haia Holanda. Capítulos X-XII.
 3. Ver também o artigo: Erwin Bomas, *Os iluminadores da nossa sociedade*. Frans Douw. In: *Lucifer – the Light-bringer*, (edição inglês) número 4, dezembro de 2022, p. 140-143. Frans Douw é antigo diretor das instituições penitenciárias.
 4. W.Q. Judge, *Bhagavad-Gītā*. Combinado com os seus *Ensaios sobre o Gītā*. Pasadena, Califórnia, Imprensa da Universidade Teosófica, 1969, p. 99-100.
-

Perguntas e Respostas

Causas kármicas

Uma pessoa é injustamente presa durante anos. Mais tarde, descobre-se que estava inocente e é libertada. Como é que isto pode ser explicado kármicamente?

Resposta

Só os sábios, cuja consciência vai muito para além da das pessoas comuns, conseguem encontrar a causa de cada consequência. Assim, é impossível para nós percebermos exatamente por que razão alguém acaba numa determinada situação. No entanto, podemos dizer algo sobre esta situação aparentemente injusta em geral.

Em cada uma das nossas encarnações, nós, humanos, criamos milhões de causas. Afinal de contas, cada pensamento e ação é uma causa, que um dia tem de levar a um efeito. Por vezes, este efeito surge quase imediatamente após o ato. Mas, noutros casos, demora várias vidas. Só se pode colher as consequências se a situação o permitir. Se fizer determinadas ações enquanto jovem, talvez só possa colher as consequências numa situação semelhante, por exemplo, durante a sua juventude, numa próxima vida.

Além disso, há que ter em conta que as pessoas estão muitas vezes cheias de contradições. Não são muitas as pessoas que têm um carácter inabalável. Durante algum tempo, uma pessoa pode agir de forma muito egoísta e, de repente, realizar um ato altruísta. O inverso também acontece.

Se começarmos a especular sobre o caso teórico de uma pessoa inocente na prisão, pode ser que – talvez há algumas encarnações atrás – ela tenha

cometido uma certa injustiça. As consequências ainda não puderam ser colhidas, porque a situação não estava madura para isso. Apesar de ser uma pessoa justa nesta vida, ainda está na prisão: uma consequência de um passado muito distante.

Também se pode imaginar que, numa vida anterior, essa pessoa não tenha enfrentado com honestidade as consequências desarmonicas que então provocou. Fugiu delas. Como resultado, tem de enfrentar essas consequências agora nesta vida, neste caso ao ser injustamente acusado de um crime. É claro que se pode pensar noutras situações em que isto pode acontecer.

Podemos compará-lo, em certa medida, a uma pessoa que se entregou ao álcool na sua juventude. Aos 30 anos, apercebeu-se de que esse comportamento não o levaria a lado nenhum e deixou de beber. No entanto, numa idade mais avançada, pode desenvolver uma doença hepática em resultado do consumo excessivo de álcool quando era jovem. A pessoa trabalha então a desarmonia que outrora causou.

Lembre-se de que pode tirar lições valiosas de cada experiência – harmoniosa, discordante ou neutra. Por exemplo, o antigo presidente da África do Sul e combatente contra o apartheid, Nelson Mandela, descreve na sua autobiografia o que aprendeu durante a sua prisão – quase perpétua – em termos de, por exemplo, fortaleza, paciência e compaixão.

Questão

O que tem de acontecer, acontecerá. Alguém está doente e não pode ser tratado no seu próprio país. Vai para

outro país, onde é ajudado. Se não o tivesse feito, não teria sobrevivido. Será que continua a ser verdade que o que tem de acontecer, vai acontecer?

Resposta

A doutrina do karma não é desgraça, não é fatalidade. O karma existe porque existe o livre arbítrio e uma unidade fundamental. A ação de um ser influencia a vida de todos os outros, independentemente da dimensão dessa influência. E em cada situação, podemos escolher como agir. Portanto, fazer escolhas não entra em conflito com a doutrina do karma, é a sua essência núcleo. Assim, a forma como reagimos ao que nos acontece não está predestinada: somos nós que a determinamos. Pode haver duas pessoas que enfrentam aproximadamente a mesma dificuldade na vida, mas uma lida com ela de forma consciente e ponderada, e não sofre qualquer trauma, enquanto outra reage a ela de forma tão descontrolada que, pelas escolhas que faz, torna a situação três vezes mais difícil do que realmente é: para si e para os que a rodeiam. Portanto, a afirmação o que deve acontecer, acontecerá, como uma espécie de predestinação, não é verdadeira. Se o futuro já estivesse fixado, isso seria a negação do livre arbítrio.

O significado desta afirmação, tal como a vemos, é que nunca se pode anular uma causa criada. Podemos lamentar e arrepender-nos, mas isso não elimina a causa de um ato. Depois de ter cometido um ato egoísta e de se arrepender, pode – e isso é certamente aconselhável – cometer um ato altruísta. Mas, ao fazê-lo, não se destrói o ato egoísta já cometido. Mas o que é sempre

definitivamente sensato fazer, é considerar cada nova situação a partir da sua visão mais profunda, e agir da melhor forma possível, para o benefício do todo.

Enquanto não conhecermos as causas do nosso passado, pode parecer difícil determinar exatamente o que deve ser feito. Mas, de facto, isso não é importante se agirmos em harmonia, da melhor forma possível. Desta forma, crescerá mais rapidamente em sabedoria e será cada vez mais capaz de determinar o que deve ser feito.

No caso teórico da questão, não era de todo certo que o doente não devesse ser ajudado, mas sim que ele tinha evidentemente criado um laço de uma vida passada com um outro país, onde agora podia ser curado da sua doença, com base na sua escolha pessoal.

Questão

Como confortar alguém cuja filha foi violada e assassinada?

Resposta

Não creio que isso possa ser feito, pelo menos não imediatamente. Seria absolutamente cruel falar de karma a um pai ou uma mãe cujo filho foi sujeito a algo tão horrível. Nesse caso, o silêncio é melhor do que a conversa. No entanto, devemos estar lá para a outra pessoa, oferecendo um ombro reconfortante e um ouvido atento.

No entanto, ao fim de algum tempo – dependendo do estado mental e emocional da pessoa que sofre esta terrível aflição – pode dar a sua opinião sobre a reencarnação e o karma, mas nunca de uma forma insistente ou pedante. Deixe que a outra pessoa faça as suas perguntas e respeite-a se ela não o fizer. Conhecemos uma pessoa a quem tinham sido feitas as coisas mais terríveis. Tinha vivido num inferno na terra. Tinha ido a muitos psicólogos e

psiquiatras, tinha-se submetido a muitas terapias, mas não conseguia esquecer o sofrimento. Todas as noites ele tinha pesadelos. Quando lhe foi apresentada a Teosofia e a doutrina do karma, ele ficou muito calado durante algum tempo. Não falava com ninguém sobre o assunto. Mas quando digeriu os ensinamentos, libertou-se do seu passado.

Cada caso é diferente, claro. Mas, em última análise, só se pode experimentar a verdadeira paz quando se percebe que tudo o que acontece tem uma causa, e que essa causa pode ser atribuída aos nossos próprios pensamentos e acções. E que podemos construir um mundo novo e melhor todos os dias.

Roubar aos ricos

Se num determinado país houver muitas pessoas pobres e uma pequena minoria rica, e algumas pessoas heroicas roubarem aos ricos para ajudar os pobres. Não têm outra alternativa. Qual é a tua opinião sobre isto?

Resposta

Em geral, pode dizer-se que os fins nunca justificam os meios. Apropriar-se ilegalmente de coisas que não lhe pertencem não é ético, na nossa opinião. Antes de cometer um ato tão rigoroso, deve ponderar cuidadosamente se tentou realmente todas as vias legais possíveis.

As soluções para este tipo de problemas dolorosos são geralmente mais bem encontradas em conjunto do que sozinhas. Por exemplo, um grupo de vizinhos pode criar uma horta e uma cozinha comunitárias. Ou pode organizar um protesto pacífico com outras pessoas pobres, apelando às autoridades para que tomem medidas. Também se pode fazer um apelo ético aos ricos para que abduquem de parte da sua riqueza em benefício dos que têm fome. Sem

dúvida que há mais possibilidades e, se for criativo e trabalhar em conjunto, pode conseguir resolver este problema premente melhor do que roubando. Muitas vezes, o roubo é apenas uma solução temporária e também tem as suas consequências kármicas.

No caso de não poder dar de comer aos seus filhos, terá finalmente de fazer uma escolha enquanto pai ou adulto. É seu dever alimentar os seus filhos. E se realmente não houver comida, pode recorrer ao roubo, num caso extremo. Tem de escolher. É você que faz essa escolha. Tem consciência de que cada escolha tem as suas próprias consequências, também a longo prazo. A última pedra de toque é sempre a sua própria consciência. Por isso, aconselhamos sempre: ouça a sua consciência.

Cólofon

Editores:

Barend Voorham, Henk Bezemer,
Rob Goor, Nico Ouwehand, Erwin Bomas,
Bouke van den Noort.

Editor-chefe: Herman C. Vermeulen

Sede editorial: De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45
e-mail: luciferred@isis-foundation.org

Mensagens do leitor:

A direção editorial reserva-se ao direito
de fazer uma seleção e/ou de resumir as
mensagens recebidas

Subscrições:

Esta tradução para português foi feita a
partir do 22.o número gratuito da versão
inglesa de Lúcifer, o Portador da Luz.
Para subscrições: enviar mensagem para
a sede editorial:
luciferred@stichtingisis.org.
Tarifas a pedido.

Editora:

I.S.I.S. Foundation, Blavatskyhouse,
De Ruijterstraat 72-74,
2518 AV Haia, Países Baixos
tel. +31 (0) 70 346 15 45,
e-mail: luciferred@isis-foundation.org
internet: www.blavatskyhouse.org

© I.S.I.S. Foundation

Nenhuma parte desta publicação pode
ser reproduzida ou tornada pública por
qualquer forma ou meios: eletrónica,
mecânica, por fotocópias, gravações, ou
de outra forma, sem permissão anterior
da Editora.

Fundação I.S.I.S.

O nome da Fundação [Stichting, em holandês]
é "Stichting International Study-centre for
Independent Search for truth". A sua sede é
em Haia, nos Países Baixos.

O objetivo da Fundação é formar um núcleo de
Fraternidade Universal, através da
disseminação do conhecimento sobre a
estrutura espiritual do ser humano e do
cosmos, livre de dogmas.

A Fundação visa concretizar
este objetivo através de cursos, organizando
palestras públicas, publicando livros, brochuras
e outras publicações, e recorrendo a todos os
recursos disponíveis com vista a este fim.
A Fundação I.S.I.S. é uma organização sem fins
lucrativos, reconhecido como o tal pela
autoridade tributária dos Países Baixos. Para
fins fiscais, a Fundação I.S.I.S. tem o que se
chama de estatuto ANBI. ANBI significa
Organização para o Benefício Geral (Algemeen
Nut Beogende Instelling).

Os requisitos mais importantes para obter o
estatuto ANBI são:

É uma organização sem fins lucrativos,
portanto não tem rendimentos. Quaisquer
lucros que resultem da venda de livros, devem
ser totalmente utilizados para atividades gerais
de beneficência. Para a Fundação I.S.I.S., isto
significa espalhar a Teosofia. (Ver o estatuto,
objetivos e princípios para mais informação.)

Os membros da Direção devem preencher
requisitos de integridade.

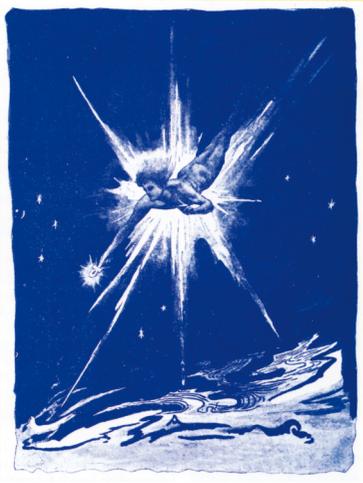
O ANBI deve ter uma propriedade separada,
pelo que um diretor ou decisor não pode
tomar decisões sobre esta propriedade como
se fosse sua.

A remuneração dos membros da direção
apenas pode consistir de um reembolso de
despesas e assistência. O número ANBI da
Fundação I.S.I.S. É o 50872.

Fundação I.S.I.S.

As atividades da Fundação I.S.I.S. (International Study-centre for Independent Search for Truth) baseiam-se em:

1. A unidade essencial de tudo que existe.
2. Por causa dessa unidade: a fraternidade como um facto na natureza.
3. Respeito pelo livre-arbítrio de todos (quando aplicado a partir desta ideia de fraternidade universal).
4. O respeito pela liberdade de cada um na construção da sua própria perspectiva de vida.
5. Apoiar o desenvolvimento da própria perspectiva de vida de cada um e a sua aplicação na prática diária.



Porque esta revista é chamada de *Lúcifer*

Lúcifer, literalmente significa Portador da Luz.

Cada cultura no Oriente e no Ocidente tem os seus portadores de luz: os indivíduos inspiradores que dão o impulso inicial para o crescimento espiritual e de reforma social. Eles estimulam o pensamento independente e a viver a vida com uma profunda consciência de fraternidade.

Estes portadores de luz foram sempre contrariados e caluniados pelos poderes estabelecidos. Mas há sempre aqueles que se recusam a ser desincentivados por esses caluniadores, e começam a examinar a sabedoria dos portadores de luz de uma forma aberta e sem preconceitos.

É para estas pessoas que esta revista é escrita.

“... o título escolhido para a nossa revista está tão associado com ideias divinas como com a suposta rebelião do herói do *Paraíso Perdido* de Milton ... Nós trabalhamos para a verdadeira Religião e Ciência, para factos e contra ficção e preconceito. É nosso dever – como é o da Ciência física – lançar luz sobre os factos na Natureza até aqui cercados pela escuridão da ignorância... Mas as ciências naturais são apenas um aspeto da CIÊNCIA e da VERDADE. Ciências psicológicas e morais, ou a Teosofia, o conhecimento da verdade divina, são ainda mais importantes...”

(Helena Petrovna Blavatsky na primeira edição de *Lúcifer*, setembro 1887).